LOBISOMEM

133.423
P658ℓ

Maria L. V. Ribeiro Pinto

A UNIVERSALIDADE DO MITO LOBISOMEM

1.ª EDIÇÃO

MARTINS LIVREIRO
-EDITOR-

MARIA LOUZADA VIANNA RIBEIRO PINTO

LOBISOMEM

A universalidade do mito lobisomem

1.ª EDIÇÃO

MARTINS LIVREIRO – EDITOR
PORTO ALEGRE
1986

© Maria Louzada Vianna Ribeiro Pinto

133.423
P658l

Pinto, Maria Louzada Vianna Ribeiro
A universalidade do mito lobisomem. Porto Alegre, Martins Livr.-Ed., 1986.
106p. ilust.

CDU 291.212.4
392.28
398.3:159.9

Catalogação elaborada pela Biblioteca Pública do Estado em 03.09.86

Capa de: João A. Chicon
Ilustrações: Dr. Roberto Goldberg

Composição e montegem:
K & M – Composição, Arte e Revisão Ltda.
Av. Vicente Monteggia, 1505 – Fone: 49-7071
Porto Alegre - RS

Direitos desta edição:
MARTINS LIVREIRO-EDITOR
Rua Riachuelo, 1279 – Fone: (0512) 24-4798
Porto Alegre – RS – Brasil

LABO 20239 BACH 7.00 11-12-86

AGRADECIMENTO ESPECIAL

Ao Dr. Fausto Leitão Domingues,
estudioso do Folclore Gaúcho,
que possibilitou a publicação
da presente obra.

Ao Dr. Roberto Goldberg,
autor das ilustrações.

SUMÁRIO

1 – INTRODUÇÃO 15

2 – O MITO 17
2.1 – Influência do Mito no Brasil 20
2.2 – Influência Portuguesa 20
2.3 – Influência Indígena 22
2.4 – Influência Africana 22
2.5 – Características do Mito Brasileiro 23
2.6 – Migração do Mito no Brasil 24

3 – A METAMORFOSE 25

4 – O TOTEMISMO 27

5 – ORIGEM DA LICANTROPIA 30
5.1 – Difusão da Licantropia 31

6 – O LOBISOMEM 34
6.1 – Como nasce o Lobisomem 35
6.2 – Como se determina a Licantropia 36
6.3 – Como o Lobisomem se apresenta 37
6.4 – A transformação: quando, como e onde se processa 38

7 – O QUE FAZ O LOBISOMEM 42

8 – COMO "DESENCANTÁ-LO" 45
8.1 – Como afastar a fatalidade 45

9 – A FORÇA DO MITO, DA TRADIÇÃO 48

10 – ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE DADOS 49

11 – CONCLUSÃO 56

12 – BIBLIOGRAFIA 57

13 – ANEXOS 59

Não basta só conquistar,
É necessário amar;
Não basta somente amar,
É necessário dar,
Pois é na doação
Que se pode aquietar
Esta ânsia de amar
Que se tem no coração.

Ao meu dedicado esposo Nei,
a minha filhinha Lúcia Helena
de quem tirei tantas horas de feliz convívio,
ofereço este trabalho, fruto de muito
esforço e dedicação.

Aos Mestres, gratidão
Às Colegas, amizade
A Deus, glória e louvor,

Ao Diretor Técnico, ao Setor de Pesquisa,
aos funcionários e bibliotecários do
Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore,

aos informantes, a todos que me ajudaram
com seu apoio, informações e solidariedade
o meu sincero agradecimento.

1 – INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como finalidade apresentar de forma simples, clara e precisa a pesquisa realizada sobre o Mito Lobisomem, mito universal, pelo qual o homem se metamorfoseia, apresentando-se diferentemente conforme aparece.

Os mitos são ingredientes indispensáveis a todas as culturas, com seus personagens lendários, animais fabulosos que, com freqüência, aparecem numa constante, em todas as culturas, exercendo o fascínio do desconhecido, do imensurável, do fantástico.

A influência do mito é tão forte, tão arraigada na mente humana que sua marca aí fica indelével, profunda e imperecível.

O estudo do mito tem preocupado antropólogos e folcloristas, pois ele representa a mentalidade primitiva.

No começo era o mito o centro do Universo Ariano. Um mito significa uma palavra, mas uma palavra que no começo não era mais do que um nome ou um atributo e adquiriu depois existência mais substancial.

O mundo mitológico é essencialmente um mundo de crenças, envolto no véu misterioso do misticismo.

O mito tem uma base sobre a qual se alicerça, sem o que perde seu valor de crença na realidade de seu objeto.

Ele não é simplesmente uma explicação; é a expressão da realidade, porque continua regendo a vida do homem e a consciência de uma coletividade.

Como tantos outros mitos o Lobisomem perdura na memória popular, sendo motivo de numerosos "causos".

Como na área sul-riograndense encontram-se poucos informes bibliográficos relativos a este mito universal, buscar-se-á, através da pesquisa de campo, averiguar se permanece a sua vigência.

O embasamento bibliográfico possibilitou o levantamento das seguintes questões:

- Continua o Lobisomem provocando medo sobre o espírito humano?
- Que características envolvem o mito Lobisomem?

Através de entrevistas, tendo-se em vista as variantes sexo, idade, religião e nível cultural da clientela, far-se-á levantamento de dados em Porto Alegre, atingindo um número aproximado de sessenta pessoas.

2 – MITO

Mito – μῦθος, ou (ὁ) gr. pelo latim Mythus, i.

É um complexo em que se encontram temores, paixões, a gama de todos os valores do espírito humano.

Sua funcionalidade é reforçar a tradição, fazendo-a emergir de uma realidade sobrenatural, melhor do que se fosse originada de conhecimentos correntes.

Magalhães, apud Marques (1969), definiu o mito como "a transformação de seres e fenômenos naturais em corpos inaturais e forças sobrenaturais".

Segundo Frobenius, apud Almeida:

> O mito inclui-se no grupo da mítica natural, envolvendo os mitos primitivos, os segredos da vida e da morte, as concepções, as estórias dos deuses. (Inteligência do Folclore, 1957).

Em Folclore, a idéia do mito é ambivalente: de um lado a crença, de outro a narrativa, ou seja, o fato e a Literatura Oral. A narrativa é uma forma de explicar o mito.

De acordo com o folclorista inglês Gomme, apud Almeida (1957), o mito pertence aos primitivos estágios da mente humana, explicando os fenômenos ou acontecimentos de influência duradoura.

Conforme Benedict, apud Almeida:

> Os mitos são contos folclóricos de um mundo sobrenatural, participando, por isso, das características do complexo religioso. A imaginação dos contadores transferiu os elementos das estórias para os fenômenos naturais antropoformisados (1957).

O conteúdo do mito é a crença, a própria realidade, e a narrativa, com a qual o mito se perpetua, vem da contemplação dos fenômenos siderais ou naturais, de sobrevivências, da libertação de impulsos mal contidos ou da ação de complexos sublimados.

Tendo em vista o conteúdo, os mitos são:

— de caráter religioso ou verdadeiros,

— de caráter explicativo ou etiológicos.

Os últimos são de mais fácil compreensão do que os primeiros, porque se fundamentam em associações combinadas com o destino de jogo. São produtos da imaginação, espécimes da arte popular que bordam esquemas criados pelo verdadeiro mito. Orientam-se para o conhecimento essencial das coisas, jamais recorrendo à associações de idéias.

O mito deve ser estudado como uma narração, uma literatura oral, cujo assunto está ligado à mentalidade do primitivo. Mas esta mentalidade já não é mais aquela com que o mito nasceu, não coincidindo mais com a nossa, embora sejam semelhantes.

Ele é uma espécie de evangelho que preserva e legitima a moralidade, codifica crenças, contém regras para educar o homem, garantindo a eficácia do ritual.

Para o povo o mito é vivo, real, não somente uma narração cujo assunto está ligado à mentalidade.

O sentido simbólico do mito pode ser traço secundário do qual os modernos estudos de Antropologia Cultural vêm-se libertando, quando o Folclore procura cientificamente condenar as formas e dados da Cultura Primitiva e Popular. A explicação dos mitos preocupa os espíritos desde os tempos dos naturalistas jônicos. O interesse pelos mitos vem desde a antigüidade: já profetas, poetas e filósofos preocupavam-se em estudar os mitos de seu tempo, retirando deles o que houvesse de absurdo, de indecência, de amoral.

Foi o que aconteceu na Índia, Egito e Grécia.

Os gregos, filósofos e poetas, também se preocupavam pelo que seus mitos tinham de irracional e amoral; para a intelectualidade helênica era repulsivo "Cronos, o Tempo", comendo seus próprios filhos, e, anos depois de prolongada e difícil digestão, vomitando-os; ou "Apolo", o deus da beleza, cometendo um homicídio, ao enforcar Marsias.

Desde o século VI A.C., o filósofo Xenófanes, da Escola de Eléia, acusava o poeta Homero e o historiador Hesíodo pelo que havia de amoral em alguns de seus mitos.

O pensador grego Evemero, do tempo de Alexandre, via no mito uma fantasia de figuras e fatos históricos.

Mas havia uma explicação para isto, e o que importava, realmente, era descobrir a sua significação; portanto, era necessário examinar o problema da origem e natureza dos mitos.

E esta explicação foi feita: os inventores dos mitos eram filósofos políticos que visavam aperfeiçoar a Humanidade através da lição dos Deuses. Portanto, do lado mau, errado, surgiria a verdade, o certo, o bom, conferindo com o ideal grego de beleza e perfeição, a trilogia: o Belo, o Bom e o Justo.

A mensagem dos deuses era persuadir as almas, fortificando a fé e mantendo a ordem, a justiça.

Sócrates e seu discípulo Platão insinuavam que se devia procurar o sentido oculto – *hyponoia* – a segunda intenção que havia nos antigos mitos.

A maior parte dos autores cristãos dos primeiros tempos interpretava os mitos como invenções diabólicas ou como versões corrompidas das narrativas bíblicas, retirando-lhes todo o valor didático de ensinamento.

Para Frederico Creuzer, apud Almeida:

> A mitologia grega foi feita por sacerdotes que tinham recebido instrução oriental e transportaram esta sabedoria sob a forma de simbolismo para os mitos gregos, com uma finalidade: conduzir os povos bárbaros da Grécia a "uma civilização mais alta, e um conhecimento mais puro da divindade" (1975).

Na Idade Média dominou o Evemerismo que nele incorporou a genealogia divina celta e germânica e penetrou no Renascimento. Hoje, dentro do critério da dinâmica cultural, esta tese alterou-se. Os mitos não têm exclusivamente sentido cultural, nem vivem em constante paralelismo com a história.

No século XVIII, novamente o Evemerismo foi retomado pelo Jesuíta J.F. Lafitau, com as alterações de Eusébio de Caesarea, e mostrava que o mito pertencia ao período de selvageria, quando os homens não tinham idéias morais e viviam como animais.

O Português, percorrendo o Brasil como entradista e depois como bandeirante, carrega seus mitos pelos rincões deste Brasil, sua herança milenar e perpétua.

Os mitos portugueses ou por eles trazidos tiveram lugar junto aos do nosso indígena e aos do negro.

2.3 – Influência Indígena

Entre a contribuição dos mitos e lendas de origem indígena preponderam os dos Tupi-Guarani.

O Tupi era uma língua musical e de grande plasticidade e foi a língua de entendimento, de intercurso, codificada em gramática, recitada nos autos de fundo religioso-catequético, estudada pelos Jesuítas evangelizadores e falada pelos colonizadores e, até o começo do século XVIII, predominou sobre o português como língua corrente.

Os indígenas participaram, com o Português, dando nome à terra brasileira, pois foram eles os primeiros homens para o contato. Desde a primeira Missa a que assistiram assombrados, foram testemunhas da posse de sua própria terra. Quando levados nas Entradas e Bandeiras, auxiliaram na destruição dos seus e lutaram e morreram com os portugueses; sulcaram os rios, levando os Bandeirantes, marcando com sua língua melódica e toponímia deste Brasil que era deles.

Iam deixando sua marca, onde não havia tribos de sua raça.

Seus mitos já existiam quando aqui chegou o Português, confundindo-se uns, ajeitando-se outros, completando-se com os mitos dos descobridores. Porém a influência que os mitos sofrem não consegue deformá-los; ao contrário, torna-os populares e os duendes e seres das florestas são aceitos pelos peninsulares. O mesmo medo que passava pelas ocas indígenas penetra agora nas casas grandes, onde colonos assombrados viam nas trevas curupiras e lobisomens.

2.4 – Influência Africana

A força dos mitos do Negro escravo era religiosa, e raros são os mitos que não se prendem à religiosidade.

Segundo Frobenius, citado por Câmara Cascudo (1976), "...o Africano só podia ser compreendido através de sua crença", pois para ele a

religião não é apenas um caminho, um laço que prende, mas sobretudo a Razão, a duração de sua vida na terra, o seu estado de espírito.

No nosso Folclore a influência negra está na dança, nas diversões, nas músicas, nas festas populares, nas estórias contadas principalmente às crianças pelo "nego véio" ou pela "mãe preta". A presença do negro no espírito infantil é onipotente.

Geograficamente, a influência do africano no mito é limitada e esta influência passou por muitos mitos brancos e indígenas que ficavam ainda mais terríveis, apavorantes quando eram contados pelo negro escravo.

2.5 – Características do Mito Brasileiro

Os mitos brasileiros têm uma característica comum: são ambulatórios, infixos, irregulares. Nunca exigem um determinado lugar para a razão de sua existência; apenas necessitam do meio físico: a floresta, as moitas, os capões, os galinheiros, os rios, lagos, mar, terras e ares; porém estes seres assombrosos apavoram, pois sua atividade é esta, seja quando passam ou correm.

Nossos seres míticos se movimentam, não são parados, estáticos, imovíveis, pois não haveria nenhuma eficácia na Mula-se-cabeça que não percorresse os campos, imobilidade nos travessos Sacis, Caiporas, Curupiras, Boitatás, Bruxas.

O sinal distintivo é a exigência do meio físico. Assim eles são conhecidos em todos os Estados do Brasil, percorrendo-os em seu fadário.

Nas lendas indígenas do Brasil, nenhum dos seres míticos fabulosos, transformados de sua forma humana, devoram seus semelhantes e qualquer afirmação contrária é inverídica, indevida. A influência branca e negra é poderosa e complexa e a galeria de entes fabulosos de que há registro, faz pensar que todos eles têm uma origem comum, o mesmo ponto de partida, com as necessárias modificações e transformações regionais. São herdeiros do lobisomem português e do Saci brasileiro. Nem física nem moralmente têm uniformidade. Cada terror que causam é um novo atributo a acrescentar ao quadro de pavores que provocam.

O traço comum destes seres é a ferocidade; a sua única função é a legitimidade nos mitos indígenas. A tradição tranforma o invasor em monstro.

Sendo quase todos idênticos na sua ação entre os homens, automaticamente tornam-se parecidos fisicamente, e a imaginação se encarrega de confundi-los na evocação espavorida dos homens que violam as leis das matas e das florestas.

2.6 – Migração do Mito no Brasil

Como estes mitos se espalharam deve-se, sobretudo, ao mestiço, isto é, ao filho de pais de raças diferentes. No século XVII, conforme citação de Marcgrave, aquele "qui natus est patre Europae et matre Brasilianae". Este elemento é o mameluco, elemento impressionável, de maior mobilidade espiritual do que o negro, agente articulador dos mitos nos extremos do Brasil que ele conheceu e onde batalhou, pois foi companheiro inseparável das "Bandeiras", levando as estórias incríveis que ouvira anteriormente.

Foi ele quem levou para a Amazônia, como para São Paulo, o que sabia das tradições nordestinas e assim foi, inconscientemente, o miscigenador dos mitos, prolongando, no seu mundo invisível, os princípios que os haviam formado.

Nas regiões em que se fixaram colonos estrangeiros: italianos, alemães, poloneses, lituanos, japoneses, a influência sobre os mitos regionais não é considerável. Estes recebem o mito com as deformações ocasionadas e não determinam, por sua influência, a criação de um novo mito.

3 – A METAMORFOSE

μετά (prefixo grego) = através de, por meio de.

(ἡ) μορφή (subst. grego) = forma.

ΟΣΕ (sufixo grego) = indica mudança de estado.

μεταμορφοσε

É a transformação, a mudança de estado, de forma, pela qual passam certos animais ou pessoas.

Assim, o homem metamorfoseado em lobo ou em outras formas animais: cão, porco, tigre, leão, carneiro, jumento, dragão, é o mesmo lobisomem do século V A.C.

A metamorfose é comum nas lendas e mitos populares das regiões; é um recurso predileto destas. Alguém achou algo de extraordinário, de imaginativo que lhe feriu, lhe espicaçou a curiosidade e a fantasia e este artista anônimo achou a sua origem milagrosa seja num animal, árvore ou pedra.

As Literaturas Greco-Romanas e a Escandinava são riquíssimos veios de metamorfoses. A metamorfose era comum entre os Deuses: Zeus ou Júpiter transforma-se num belo cisme branco para conseguir um amor desdenhado, seduzindo a encantadora Leda; esta metamorfose está perpetuada em mármore branco, em obra onde o artista conseguiu esculpir a beleza dos personagens, expressar a surpresa no rosto belíssimo de Leda e a voluptuosidade no abraço envolvente do cisne; Hefaistos ou Plutão transforma-se em belo novilho branco, pastando no verde campo onde Prosérpina ia colher violetas, e consegue raptar sua amada, levando-a para o seu reino – o Inferno. (Metamorfoses – de Ovídio).

Para Petrônio, citado por Gustavo Barroso, já no "Satiricon", no cap. LXII, relata a metamorfose de um indivíduo em lobo. "Para esse fim despiu-se, estendeu a roupa no chão, espalhou urina em redor dela e virou lobo" (1962, p.78).

O princípio da metamorfose, seja por prêmio do bom ou por castigo do mau, que a forma humana sofre, se repete pelos tempos e pelos lugares.

Em Flandres e na Provença são inúmeras as lendas populares que explicam a origem de animais e árvores.

Lafcádio Hearn, o poeta, nos revelou a alma enigmática do Extremo Oriente, reproduzindo lendas japonesas e chinesas, nas quais a idéia de metamorfose constitui a medula de sua poesia.

Também não escapam a esse recurso as lendas argentinas que herdamos dos aborígenes ou as que o espanhol, em sua tarefa de evangelizar, criou, modificando as lendas originais, autóctones.

Em quase todas as lendas, desde a Terra do Fogo aos diaguitas ou calchaquies do Noroeste, desfila uma série de lendas populares. Na maioria delas, a metamorfose explica, com singeleza, a origem do fantástico, do inexplicável.

Esta transformação do homem em animais se estendeu a outras formas e outras narrações; mitos se formaram de homens transformados em cavalis, touros, mulas-sem-cabeça.

Na África existe a metamorfose, transformação de homens em animais: lobo, tigre, hiena, cavalo, etc.

Na China e no Japão o Folclore aponta múltiplas versões de metamorfoses: tigre, dragão.

Os Guaranis nos legaram o maior número e as melhores lendas em que a metamorfose opera milagres, pois além da imaginação natural do aborígene, esta foi enriquecida pela imaginação dos Missionários.

É curioso comprovar que as coincidências frente ao mistério do desconhecido busca explicação e chega-se a conclusões semelhantes em que pese a diferença do lugar, do tempo e da raça.

A idéia da metamorfose, comum nas Mitologias Clássicas e nas Lendas da Idade Média, se encontra também nas lendas e mitos de povos aborígenes que povoam o território Argentino: onas, tchuelches, araucanos, guaranis, diaguitas ou calchaquies e os quíchuas. A fantasia do aborígene achou na metamorfose um meio fácil, um refúgio para explicar os fenômenos da natureza, em face do que a razão emudecia de assombro, de pavor ante o mistério insondável das manifestações extra-sensoriais, diabólicas, sobrenaturais ou o que quer que seja que não podiam explicar.

Esta coincidência prova que o espírito humano "es uno como es uno su origen y uno su destino" (Morales, 1953).

4 – TOTEMISMO

Segundo Arthur Ramos (1951), os povos totêmicos possuem narrações míticas de personagens animais que não diferem dos personagens dos contos populares de povos não totêmicos.

Entre os povos mais atrasados, o Folclore dos animais leva-nos à crença nos seres míticos híbridos ou não, de que estão cheias as lendas e mitos da Humanidade.

Eles revelam sua origem totêmica: o antepassado da tribo, planta ou mesmo herói-animal.

Totem é um animal, vegetal, objeto considerado como ancestral ou símbolo de uma coletividade – tribo, clã – sendo por isso protetor dela e objeto de tabus e deveres particulares. É a representação desse animal, vegetal, objeto ou antepassado.

O Totem é o resultado da teoria Animista, e a escolha do Totem da coletividade é determinada pela força dos fatores que se entrosam com a espécie de poder que se deseja.

Ao sistema de crenças religiosas e sociais determinado pelo Totem dá-se o nome de Totemismo.

Assim, o antepassado totêmico dos australianos é o homem-kanguru como universalmente o é, o Licantropo, remota tradição da Velha Europa, de longínquas origens.

Relanciando os olhos pelos povos antigos, a crença nos homens-tigre, nos homens-lobo existe com freqüência na Índia e em outros povos orientais.

Tanto no mito como no conto popular há elementos totêmicos. O Panchatantra, uma riquíssima coleção de fábulas, contos, sentenças da Literatura Hindu, em muitos de seus contos põe em destaque certos povos como os Árias que, sendo totêmicos, esboçaram um código ético, servindo-se das observações dos instintos animais.

Na tradução francesa do Panchatantra, feita do sânscrito, fala-se neste animismo imposto aos animais, o que seria natural segundo Louis Renou, citado por Maria de Lourdes Borges Ribeiro:

> "...tratando-se de um país que não estabelece distinção, como nós o fazemos, entre o homem e o animal, que na sua teoria de transmigração estabelece um entrosamento entre um e outro reino" (1982).

Estas narrações divulgadas na Idade Média reforçaram a crença no fenômeno da zoometamorfose.

Conforme Vergílio, Meris se transformou em lobo por meio de ervas venenosas, evocando as almas dos sepulcros e enfeitiçando-as, o que revela o motivo mítico-lendário da crença do Licantropo (Vergílio, "Bucólicas", cap. VIII, 95):

> "Has herbas, atque hoec Ponto mihi lecta venena
> Ipse dedit Moeris; nascuntur plurima Ponto.
> His ego saepe lupum fieri, et se condere, sylvis
> Moerin, saepe animas imis excire sepulchris,
> Atque satas alio vidi traducere messes"

Uma narração clássica é a de Petrônio que nos fala de um "versipellis" que sendo ferido se transformou no homem que apareceu também ferido no mesmo lugar que o lobo.

Para Tylor, citado por Ramos (1935), no tempo de Santo Agostinho, com o uso de certas ervas, os mágicos persuadiam suas vítimas de que podiam transformar-se em lobo.

O totemismo do lobo propiciou a aparição da feitiçaria do Lobisomem, ritual de associações secretas. As provas eram difíceis, terríveis e o iniciado, tendo demonstrado coragem e resistência física e mental passava a ser "filho da Loba". A Loba, a Luperca, era o símbolo de Roma, mãe de leite dos gêmeos Rômulo e Remo.

O próprio nome de Rômulo vem de Rom'ulf e significa lobo da fortaleza (= cidadela, cidade).

Luperca é uma das mais antigas divindades romanas. Este símbolo totêmico associa-se ao da Cavalaria. Em honra de Luperca havia as festividades chamadas Lupercais.

Convergem para o mito a tradição das Lupercais, realizadas a 15 de fevereiro em Roma, em honra do deus Pã, para onde as levara, da Grécia, o árcade Evandro, o poeta. Chama-se Luperco (lupercus, i) o sacerdote de Pã, entre os antigos romanos. Os colégios dos Lupercos, Quintiliares e Fabianos tiveram um terceiro Lupercii Julii, onde Marco Antonio era o Sacerdote-chefe.

Numa Lupercal tentou-se fazer Júlio Cesar, rei.

Mas em 494 Gelásio proibiu-as, mudando a feição para solenidades cristãs da festa da Purificação.

Os sacerdotes de Lorano Sabino, nos bosques da Itália primitiva vestiam-se com a pele do lobo, animal do deus. A imagem passa a ser confundida com o objeto na imaginação, o sacerdote com o deus, a profissão com o fado.

O mito nasceu do rito, assim como da crença vem a enfermidade, o fado, o fadário.

5 – ORIGEM DA LICANTROPIA

λυκῆ, ῆς (ῆ) = pele de lobo

ἀνθρωπός, ου (ὁ) = homem

ια = sufixo grego formador de substantivo

λυκανθρωπία

É a metamorfose do homem em lobo; doença mental em que o enfermo se julga transformado em lobo.

"Essa transformação de uma criatura humana em lobo chama-se Licantropia" (Olavo Bilac, "Conferências Literárias", p.159).

Da Grécia originaram-se versões diferentes desta metamorfose que leva o nome de Licantropia.

Licaon – Λυκάων, ο νος (ὁ) = Lycaon – rei da Arcádia, região pastoral da Antiga Grécia, filho de Pelagus, foi o primeiro sobera no daquela região.

Diz-se que Zeus, tomando a forma humana, quando desceu do Olimpo, hospedou-se na casa de Licaon, e este tentou cometer um grave crime: o teocídio. Zeus castigou-o dando-lhe a forma vulpina (lat),

λυκῆ = pele de lobo.

Outra versão é a de Pausanias que diz ter Licaon sacrificado um de seus próprios filhos a Zeus, no monte Licaeus (uma das colinas gregas).

De todas as versões o castigo é o mesmo. O rei Licaon transforma-se, parà sempre, em lobo, castigo imposto por Zeus, pai dos Deuses, na Mitologia Grega.

5.1 – Difusão da Licantropia

Roma tornara-se forte e poderosa e conquistou a Grécia intelectual e culta; mas as hostes romanas dominaram pela força e os vencidos, mais adiantados, Roma não consegue subjugá-los, pois a civilização grega era mais desenvolvida tanto intelectual, política como filosoficamente.

Poucos eram os romanos de uma elite culta.

As hostes romanas venceram, mas os gregos, mais esclarecidos, dominaram-nas pela supremacia da inteligência, do saber.

Há uma transculturação. Roma recebeu dos vencidos a cultura: ciências, artes, literatura, filosofia e até os deuses, que tomaram nomes latinos, mas eram os mesmos deuses gregos: Zeus é Júpiter, Palas Athená é Minerva, Hefaistos, deus do Inferno é Vulcano ou Plutão.

Roma continua suas conquistas, penetrando pelo mundo conhecido na época: Europa, norte da África, Oriente Próximo. Ela herdou também o mito: o Licantropo. É o mesmo Versiopélio de Roma, que os exércitos conquistadores romanos levam por onde passam: o Volkodlak dos Eslavos, o Werwolf dos Saxões, o Wahrwolf dos Germanos, o Óboroten dos Russos, o Hamrammr dos Nórdicos, o Loup Garou dos Francos, o Lobisomem e o Lubisón da Península Ibérica.

Para E. Tylor ("La civilization primitive", trad. fr., v.1, Paris, 1876) as lendas escandinavas apresentam seus guerreiros transformados em hamrammr, possuídos de grande ferocidade e força em seus acessos de loucura.

Na Alemanha do Norte, as estórias do wolf-gürten revelam a mesma crença do loup garou francês, do werewolf inglês, do homem-lobo da Península Ibérica.

O Anubis, no Antigo Egito, era um dos deuses com corpo de homem e cabeça de chacal ou de cão, deus da caça, que trazia uma lança na mão direita.

A crença nos homens-tigre, homens-leopardo, homens-hiena é generalizada nos povos primitivos do Território Americano, Oceania, África, de Serra Leoa ao Congo.

No Sudão, África Ocidental, o animal que substitui o lobo é o cão selvagem – Lycaonpictus – que é importantíssimo nas lendas totêmicas dos Baoulé.

Segundo Axel Munthe ("O Livro de San Michele", 1957, p.42), se um homem comete um crime de morte, na Lapônia, e não o confessa, o Diabo o transforma em Lobo.

Posteriormente, com as conquistas levadas a efeito pelos descobrimentos pelos navegadores espanhóis e portugueses, temos, na América Central e do Sul, o Lubishome, o Lobohomem, O Luvizón, o Lubizón, o Runa Urutungo (das províncias calchaquies da Argentina e também entre os quíchuas do Peru), o Yaguateré-abá dos guaranis que é o mesmo Runa Urutungo.

A vinda do Português descobridor e colonizador trouxe o mito Lobisomem para o Brasil com as caravelas de Cabral e aqui é vivido em qualquer rincão dos pagos, tradição forte e velha, de pelo menos dois mil e quinhentos (2.500) anos.

No Brasil, tanto o nosso homem do interior como o da cidade, crêem no mito Lobisomem, que talvez seja o mais popular e o mais notável de todos. E assim temos: o Lubizome (paulista), o Labizome (do caboclo sergipano), o Lobisa (do mineiro), o Folhará (do nordeste).

Mas a crença é sempre a mesma: a metamorfose humana em lobo é um castigo divino. Qualquer que seja o nome que receba, o mito faz parte das estórias de pavor de todo o vasto Território Brasileiro.

6 – LOBISOMEM

Lobisomem lupus, i + homo, hominis (latim)
ac : lupum + hom(i)nem
lupu + homne (abrandamento $\begin{cases} u > o \\ p > b \end{cases}$)
lobo + homme (prolação do m)
lobo + hommem (cai consoante dupla)
lobohomem (cai h mudo)
lobo omem (aparecimento do s eufônico)
lobosomem (alteração fonética do o em i)
lobisomem

É um monstro, misto de lobo e homem, podendo tomar outras formas de acordo com o local onde se processa o fato.

Segundo Felix Collucio (1960) o mito Lobisomem percorre toda a Terra. É de origem européia, de uma Europa de civilização multimilenar.

É um mito complexo antiqüíssimo e de aspectos diferente, conforme o local em que esta metamorfose ocorre; remonta aos primórdios da Tradição Clássica que, na ânsia angustiante de conhecer, e explicar, procura compreender o mistério da existência.

Conforme Cascudo:

> "O Mito Lobisomem é universal, registrado por Plínio, o Antigo, Heródoto, Pompônio Mela, Plauto, Varrão, Santo Agostinho, Isócrates, Ovídio, Petrônio e outros" (1962, p.428).

O Lobisomem é uma crença popular, de maior circulação no meio rural, de que certos indivíduos transformam-se em lobo, em grande cão e saem pela estrada assustando, ganindo, brigando com os cães, atacando animais e pessoas, nas noites de sextas-feiras de luar.

O Lobisomem não é, em geral, uma forma híbrida, mas pode sê-lo: cabeça de cão, de lobo, de dragão, de touro, sobre um corpo humano.

Ele tem certas características comuns nos lugares onde o mito se apresenta: às sextas-feiras, à meia-noite; espoja-se; orelhas compridas, barulho estranho e forte quando elas batem; é caído para a frente; os olhos são brilhantes, vermelhos; os dentes grandes e agudos.

Estes traços comuns são independentes das diferenças de local e de país.

Há tendência da crença popular a associá-lo ao Diabo, identificando as aparições do Lobisomem com as dele; por isso o Lobisomem é tido como um personagem importante na corte demoníaca.

Para Cascudo (1962), o importante é que os traços, com que a imaginação do povo retratou o Lobisomem, são duplos, porque a criatura também é dual, apresentando-se diferentemente conforme a região ou local onde aparece.

6.1 – Como nasce o Lobisomem

Nasce-se Lobisomem de várias maneiras:

– É filho de um incesto; é filho do pecado de uma concubina com um padre; é filho de comadre e compadre; de padrinho e de afilhada.

– Mas em geral a predestinação não vem senão de um caso fortuito, liga-se com o número que a astrologia acádia ou caldáica tomou como fatídico: o número sete (7). O Lobisomem é o filho que nasceu depois de uma série de sete filhos homens.

Esta versão e a do incesto são comuns em Pernambuco. A do sétimo filho é comum no Rio Grande do Sul (em Porto Alegre, conforme informantes).

– De Portugal nos vem esta versão de que o Lobisomem é o último filho depois de uma série de sete filhas.

Interessante que entre os informantes da presente pesquisa apareceu também esta versão aqui em Porto Alegre.

– No Município Catarinense de Tijucas, conforme informações obtidas, diz-se que o Lobisomem é o último, o sétimo filho varão que deverá chamar-se Bento para que não sofra a transformação maldita. Ou ainda, há uma variante, para que o sétimo filho não venha a sofrer a sina: ser batiza-

do pelo irmão mais velho (variante também verificada em Porto Alegre, segundo informantes).

6.2 — Como se determina a Licantropia

A Licantropia se determina pelo incesto ou pela moléstia hopoemia.

Hopoemia ou hipoemia (patol.) anemia — do grego ὑπο+αἷμα +ια também chamada hifemia = anemia profunda, produzida pelo clima, pela verminose.

Hipoemia — latim: hip(o) + (h)emo + ia, produzindo uma moléstia — hipoema = derramamento sangüíneo na câmara anterior do olho.

Será que estão aí duas das características: do homem pálido e do Lobisomem que se apresenta de olhos vermelhos, de fogo, sangüíneos?

Aquele que é propenso à Licantropia é homem pálido, macilento, magro, nunca engorda, não é pessoa saudável, mas doentia, triste, às vezes, as orelhas são diferentes, grandes, nariz levantado, podendo apresentar defeito físico.

Daí dizer-se que "Deus marcou, alguma cousa achou", ou "Quando Deus assinalou, é porque não prestou".

De acordo com Aurélio B. de Holanda (1975), o defeito físico é uma marca que pode ser fatídica; assim, o Saci-Pererê, o Caapora e o deus Vulcano (coxo); a Rainha Berta, mãe de Carlos Magno era pedauca.

Outras versões se atribuem ao homem que é Lobisomem: ser inimigo da honra, indivíduo de má índole, autor de um crime bárbaro, especialmente atentando à honra, ou contra gente fraca: crianças, mulheres grávidas e velhos.

Conforme Lopes Neto, no Sul, no Pampa Gaúcho, "eram homens que, havendo tido relações impuras com suas comadres, emagreciam" (1950).

A sorte deste homem predestinado é um fado, talvez a remissão de um pecado, mas este acréscimo observa-se quanto é estranho ao mito na sua pouca generalização.

Em geral o fado ou fadário é amoral, é uma sorte, apenas.

Na Paraíba, zona do Brejo, diz-se que é um homem normal que em certos dias, especialmente sextas-feiras, e a certas horas, meia noite até a madrugada, sob certas condições, muda de aspecto, torna-se um animal que sai a correr o fado, cumprindo o castigo imposto por Deus pelo pecado de adultério de compadre com comadre, de devota com padre, de incestuosos e blasfemos. Em geral o povo se comisera dele porque o Lobisomem é um pecador em penitência.

Mas, segundo Câmara Cascudo (1976), verifica-se que no norte, o fato da transformação do Lobisomem não aponta razões morais e é o que foi verificado no Rio Grande do Norte, após uma pesquisa. O Lobisomem é um homem doente, tem "amarelão" (ancilóstomo) ou tem maleita (paludismo).

Realmente, há um fundo de verdade científica no caso, pois a ancilostomíase pode provocar distúrbios cinestésicos, sintomas alucinatórios ao ponto de transformar, alterar a personalidade do indivíduo.

Na Paraíba, na zona do Sertão, o sertanejo reconhece no Lobisomem uma pessoa doente, extremamente pálida, desanimada, que não gosta de trabalhar, sempre fatigada e misteriosa nos movimentos. Come muito pouco e não se alimenta adequadamente. Entretanto, dura bastante, pelos oitenta anos.

Já no litoral deste mesmo Estado, o mito apresenta particularidades: para se tornar Lobisomem, é preciso ser indivíduo amarelado e doente.

Assim, a versão do litoral paraibano é diferente, neste atributo ao candidato a Lobisomem: amarelo, pálido e doente.

6.3 — Como o Lobisomem se apresenta

As formas sob as quais o Lobisomem se apresenta variam de lugar para lugar, mas sempre é um animal ou um híbrido de animal e homem. A única vez em que ele se apresentou sob forma humana, de que se tem notícia, foi em Nova Trento, hoje Flores da Cunha e em Santa Catarina, onde é um homem de olhos afogueados, pêlo eriçado, barriga aberta, sangrante, unhas em garras aguçadas, expelindo fogo pela boca. Diz-se que no sertão da Paraíba, apresenta-se sob a forma de um bezerro negro, diferente, porque o couro tem pêlos abundantes, de fazer cachos, cascos pequenos, olhar fuzilante e caracteriza-se pela força hercúlea e uma agilidade extraordinária. Esta forma também se constatou no Rio Grande do Sul. Ele lembra o lindo novilho no qual Plutão se transformou, para raptar a bela Prosérpina ("Metamorfoses" de Ovídio).

Já no Rio Grande do Sul, o Lobisomem é um grande cão de orelhas longas que batem, enquanto corre, trotando e lançando uma espécie de uivo, rosnado, ganido, ronco.

Em Alagoas, também é um grande cão, mas acéfalo.

Em São Francisco do Sul e Biguaçu, litoral de Santa Catarina, aparece sob a forma de um porco, forma sob a qual também aparece e foi registrado no Rio Grande do Sul.

Já em Caçador, no oeste catarinense, é um horrendo Lobisomem-dragão, misto de cão, com dentes e longas presas de dragão, figura disforme com 3 metros de comprimento, tendo dorso de dragão com vértebras salientes, pontudas, boca provida de agudíssimos dentes. Pelas ventas dilatadas lança um bafio nauseabundo (DEE — Informações prestadas pelo Sr. Agente Municipal de Estatística, no inquérito realizado pela C.C.F.).

Em zonas do Rio Grande do Sul, pessoas afirmam ter visto o Lobisomem como um leãozinho baio (sem juba, parece um puma, amarelado) que aparece pelas estradas desertas nas noites de sextas-feiras em que há lua cheia. Este depoimento não foi comprovado, mas há várias pessoas que já o viram, saindo das moitas nas noites de luar. Dizem até que já mataram um (depoimento colhido no local), onde vivem as quatro pessoas que afirmam ter visto o animal (Piazza, 1952).

6.4 — A transformação: como, quando e onde se processa

Esta metamorfose poderia chamar-se metempsicose.

Segundo Platão, a metempsicose é a volta da alma a um outro corpo, outra forma, para a expiação das faltas cometidas durante aquele tempo de vida em que esteve na terra, passando por períodos sucessivos de provação, para purificar-se e atingir a perfeição.

Uma vez purificada a alma e atingida a remissão do mal feito, poderá gozar do descanso eterno, junto a Deus, criador de todos os seres e cousas.

É preciso ir às mais profundas raízes que estão, desde tempos remotos, em Portugal, onde o Lobisomem também é conhecido como Corredor, Tardo, Peeiras, Lobeiras.

Segundo Oliveira Martins, apud Câmara Cascudo (1957, p.203), o encantamento ocorre "aos treze anos, numa terça ou sexta-feira".

— Aos treze anos, numa terça ou sexta-feira, sai de noite, encontrando o lugar onde um jumento se espojou e começa o fado. Daí por diante,

todas as terças e sextas-feiras de uma noite, às duas horas da madrugada, o Lobisomem tem de fazer a sua corrida, visitando sete adros de Igreja (antigos cemitérios), sete vilas acasteladas, sete partidas do mundo, sete outeiros, sete encruzilhadas até regressar ao mesmo espojadouro, onde readquire a forma humana.

Sai também ao escurecer, atravessando, na carreira, as aldeias, onde os lavradores recolhidos não adormeceram ainda. Apaga todas as luzes, passa rápido e os cães perseguem-no ladrando, até ele se afastar das casas.

De acordo com Ruth Guimarães, um menino mordido por um grande cão preto, quando parou a carreta que guiava, e um dos bois urinou, desceu da carreta, tirou a roupa, espojou-se no chão sobre a urina e virou Lobisomem. (s.d.)

O Lobisomem, conforme relato dos informantes, não tem figura definida: cão, cavalo, novilho, porco, jumento, lobo principalmente, ou de animal de habitat na região em que aparece.

— A pessoa que tem o fado, escolhe a forma do animal em que deseja metamorfosear-se (o que não ocorre em todos os casos); depois, levanta-se à meia-noite e, se a forma escolhida for a do porco, aproxima-se do chiqueiro, procura o lugar em que o porco se espoja, tirando as roupas que são colocadas do avesso e, completamente nu, deita-se na cama do porco. Dá-se a metamorfose e o Lobisomem está pronto para agir.

Vaga pelas ruas, persegue as crianças, assanha os transeuntes.

Se alguém, durante a metamorfose encontrar as roupas e virá-las pelo direito, aí então o pobre está perdido, pois ficará para sempre Lobisomem. E nestas condições não há formas para retornar à vida anterior de homem.

É à meia-noite de uma das sextas-feiras da Quaresma que a transformação se opera, prolongando-se até o alvorecer do novo dia, quando então cessa o "encantamento".

— Se o Lobisomem for cão, cavalo ou lobo, a transformação será um pouco diferente: poderá ficar em pé, bater as orelhas, sendo este um dos característicos principais deste monstro-humano; os olhos tornam-se brilhantes, às vezes, avermelhados, esfogueados ou vidrados também, a ferocidade exaltada, a agilidade espantosa.

— No sertão do Nordeste nunca se encontrou em casa o sétimo filho varão de um casal, nas noites de sextas-feiras da Quaresma.

— No Rio Grande do Sul ocorre altas horas da noite, todas as sextas-feiras, em geral (conforme dados colhidos dos informantes).

— Segundo Walter Piazza (1952), em Santa Catarina, São Francisco do Sul, Biguaçu, Laguna, Caçador e Flores da Cunha, ocorre o fato às sextas-feiras, à zero hora, sendo que em Caçador há preferência pelos dias de lua, dia treze ou datas da Quaresma.

— Em Flores da Cunha já há preferência para a ocorrência em noites de lua-cheia ou quarto-minguante.

— A mesma preferência se nota em São Paulo, Sul de Minas Gerais, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte.

O *modo* como a metamorfose se processa é variável, sobretudo no nordeste do Brasil, onde a imaginação é tão fértil em mitos populares.

— Na noite de quinta para sexta-feira o indivíduo torna-se "estranho", procura uma encruzilhada, despe-se, espoja-se onde os animais se espojam. Transforma-se em bicho grande: bezerro desenvolvido, grandes orelhas, cujo rumor é característico na corrida que empreende.

— A Paraíba apresenta três versões:

O indivíduo despe-se, dá vários nós na camisa e no lenço; deita-se, espoja-se como se fosse um animal.

Se é no litoral, dizem que engole mariscos que há no local.

Segundo Ademar Vidal (1962), faz movimentos desconexos, desarticulados com pernas e braços, remexe-se como um animal, se sacudindo, encosta a cabeça nos pés. Fala cousas desconexas como: "encoura, desencoura, encoura, desencoura".

— Em Pernambuco dá-se do mesmo modo como na Paraíba, com exceção do último caso do litoral. Também em Pernambuco o predestinado espoja-se onde cavalo ou jumento se deitam e depois adquire a forma desses animais.

— Já no litoral da Paraíba é diferente a transformação: o indivíduo espoja-se na cama, ainda quente do corpo de algum animal, cuja forma ele tomará. Os raios da lua cheia devem incidir diretamente sobre o corpo da pessoa que está deitada na cama do bicho, sem o que não haverá metamorfose. Depois de rebolar na cama, manifesta-se a transformação: modificação da fisionomia, crescimento das cunhas, cabelos, dentes, tomando a forma e semelhança espantosa daquele animal, adquirindo também seus instintos.

— Já no sertão da Paraíba o indivíduo, depois de encontrar o local, espoja-se, rebola-se até virar um bezerro negro de longas orelhas.

— Em Alagoas já é mais demoníaca a transformação. O indivíduo tira a camisa, dá-lhe sete nós. Esconjura o Pai, a Mãe, o Padrinho, a Madrinha, o nome de Deus e de Nossa Senhora.

O *local* onde se processa a transformação é variável.

— Na Paraíba e em Pernambuco processa-se em uma encruzilhada em que haja mariscos da praia.

— No litoral da Paraíba já é diferente, o local é a cama onde um animal, cuja forma ele vai tomar, esteve deitado e está ainda quente do corpo do bicho.

— No sertão da Paraíba o indivíduo sai de casa, percorre a estrada até encontrar um local onde se deite e espoje.

— Em Pernambuco também há outro cenário para a transformação: o lugar onde um cavalo ou um jumento se espojou.

— Em Alagoas também o indivíduo escolhe um local ermo; despe-se, deita-se no chão, espojando-se.

— No Rio Grande do Sul o local é variável, mas sempre onde há animal, cama ou excrementos dele; espoja-se e transforma-se, geralmente, em cão grande.

7 – O QUE FAZ O LOBISOMEM

A ação do Lobisomem, apesar de ser um fadário, um castigo que o indivíduo tenha de sofrer, porque normalmente fez o mal, não é uma ação de redimir pelo bem, o mal que praticou, mas é uma ação perversa, como se fora a sua predestinação praticar o mal; por isso o Lobisomem pertence à corte demoníaca.

Correndo à solta pelos campos, estradas, vilas, cidades, Estados, vai causando pavor, reboliço por onde passa. Os cães uivam apavorados e, às vezes, o perseguem; o gado solto no pasto corre em disparada como se fosse um estouro; preso no estábulo, o gado torna-se agitado, inquieto; se está na mangueira, procura fugir e correr campo afora.

No galinheiro, mata as galinhas, patos e outras aves, comendo-as e deixando somente as patas, fazendo estrago e uma sangueira terrível, tal é o furor e a voracidade do animal.

Come comida de porcos, restos de comida, excremento de animais, sobretudo de galinha e por isso ataca os galinheiros.

Ataca os animais, chupando-lhes o sangue, e, se encontrar pessoa sua inimiga de quando está em sua forma humana, sangra-a, sobretudo ao pé do ouvido ou na barriga da perna, sugando-lhe o sangue.

É assim que corre o mito da ação do Lobisomem.

O Lobisomem procura sangrar crianças pagãs, o que é crença no Rio Grande do Sul; chupa o sangue das criancinhas lactantes. Também ataca os animais novos, chupando-lhes o sangue ou comendo-os, como sucedeu no pátio da casa de Antonio Martinelli, em Porto Alegre (publicado no "Correio do Povo" de 22 nov. 1981, p.15), onde o Lobisomem exterminou uma ninhada de cachorrinhos.

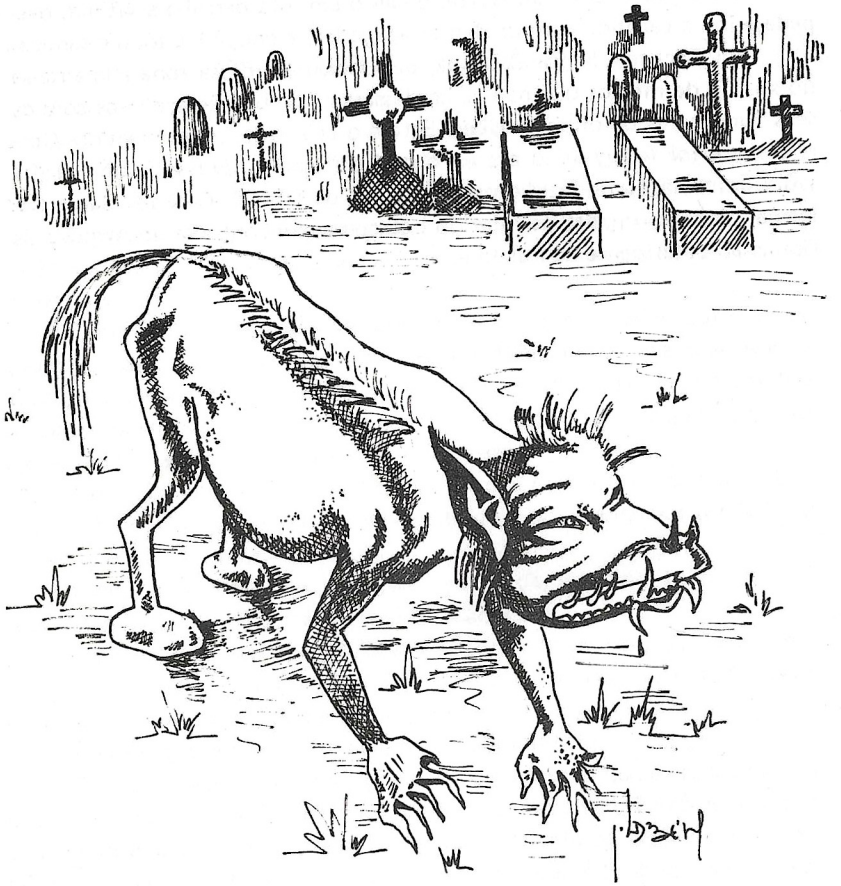
Na falta destes, qualquer um a quem encontrar para ferir, lhe serve, antes de "quebrar a barra" do dia que vem nascendo.

A ferocidade do Lobisomem é incontestada e enfrenta qualquer um que se lhe depare, raramente fugindo.

Segundo informação do Sr. Agente Municipal do DEE de Biguaçu, em Santa Catarina, se alguém tem a infelicidade de ser mordido por ele, transforma-se em Lobisomem na primeira sexta-feira de lua cheia, após o acidente. Este fato ocorreu em Santa Catarina.

Já no Rio Grande do Norte, quando em luta derruba a vítima, despedaça-lhe a carótida com os dentes aguçados, e chupa-lhe todo o sangue.

Em Caçador, Santa Catarina, o Lobisomem dessa zona alimenta-se do sangue de mortos que não se confessaram, o que não acontece com os seus congêneres de outras regiões. Este é o chamado Lobisomem dos Correias, que foi fotografado e cujo desenho figura na presente monografia (apud informação do Sr. Agente Municipal do DEE de Caçador, Santa Catarina). A foto original do referido Lobisomem encontra-se no Arquivo da Comissão Catarinense de Folclore.



8 – COMO "DESENTANTÁ-LO"

Segundo a crença geral, há várias maneiras para "desencantar" o Lobisomem.

– Uma das maneiras é quando, ao final da fase lunar (lua cheia), o Lobisomem toma a forma de um ser humano normal. Esta é a maneira mais comum e este é o depoimento mais comum, colhido em Flores da Cunha e Santa Catarina.

– Também pode-se quebrar o "encanto" quando o galo canta no terreiro, afirmação corrente no litoral da Paraíba e de Santa Catarina, municípios de Porto Belo e Biguaçu.

Ouvindo o galo cantar o Lobisomem, depois de percorrer sete cidades, volta ao lugar da transformação, espoja-se novamente e volta à forma humana (Pernambuco).

– Semelhante à versão de Pernambuco é a do brejo Paraibano.

– Terminada a corrida, antes do nascer do novo dia, o Lobisomem retorna ao lugar onde se transformou, espoja-se na cama onde o animal se espojou e toma novamente a forma humana e sua personalidade. É uma pessoa normal que retorna à casa.

– É também a versão do Rio Grande do Sul.

– No Rio Grande do Norte, ele se "desencanta", voltando à encruzilhada onde deixou suas roupas, espoja-se, desfaz os sete nós e volta a ser o homem normal. Porém se alguém esconder as roupas ou desfizer os sete nós, então ele não voltará a ser como antes, ficará toda sua vida como Lobisomem.

8.1 – Como afastar a fatalidade

O Lobisomem suporta o fado até que alguém que dele se apiede, o machuque, ferindo-o, tirando-lhe sangue. Mas quem fizer isto, corre peri-

go mortal, pois o Lobisomem não pode ver as unhas de alguém, porque fica irritado. E quem for arranhado por ele sofrerá o mesmo fado. Basta o menor ferimento que lhe cause sangue, para "desencantá-lo".

— Dizem que só respeita arma de fogo, mas há um depoimento do Sr. Gervásio Baresco, morador do Passo das Pedras, Porto Alegre, (jul. 1942) que chegou a apontar a arma de dois canos, mirando nos olhos do Lobisomem, mas a espingarda não disparou. "Só pode ser cousa do demônio" concluiu Sr. Gervásio ("Correio do Povo", 22 nov. 1981, p.15).

— No Estado do Espírito Santo afirma-se que o Lobisomem é invulnerável a tiros.

Fala-se que só a bala de prata pode atingi-lo ou matá-lo.

Conforme Câmara Cascudo, com referência ao Nordeste, a bala para ter efeito sobre o Lobisomem precisa ter sido colocada na cera da vela, em cujo altar celebraram três missas de domingo ou missas do galo na meia-noite do Natal (1957).

Há outras maneiras de cortar-lhe o fado, afastar para sempre esta fatalidade a que o indivíduo está destinado.

— Quanto ao que se refere ao ferimento por faca, foice, um mínimo canivete, até uma tesoura quebra-lhe o fadário.

— Idêntica é a versão do sertão da Paraíba, que também se identifica com a do Estado de Pernambuco e com uma versão do Rio Grande do Sul.

Também o Lobisomem dos quíchuas do Peru, o runa-urutungo — o tigre, perde o fado se for ferido e sangrar; antes de morrer retorna à sua forma primitiva de homem.

Mas uma vez perdido o "encantamento" e extinto o fadário, neste momento é que se conhece quem é o personagem que assustava aos que crêem na sua existência.

Esta crença é também comum em Portugal: reconhece-se quem uivava, andando pelos terreiros.

"Ver Lobisomem ao meio-dia", quer dizer, na expressão popular — assustar-se, mostrar medo.

Uma vez ferido, o Lobisomem vai "desencantar-se" mais adiante do local onde foi ferido, como para ocultar sua verdadeira personalidade.

— Na zona do brejo da Paraíba, afirma-se que, se perde o fado, frente a quem o feriu, luta com seu adversário.

Mas a metamorfose, pode acontecer, de tornar-se numa espécie de gosto pelo fato de ser Lobisomem, do qual não quer privar-se.

É o caso de dois amigos de uma vila de Goiás.

O alfaiate foi visitar o amigo numa noite de sexta-feira, saindo da casa deste à meia-noite. Mas viu o amigo saltar uma janela, sair a correr, espojar-se nu, na terra do quintal e levantar-se transformado em Lobisomem.

Tristíssimo com a sorte do amigo, resolveu ajudá-lo e supôs que o melhor meio era feri-lo para "quebrar o encantamento". Improvisou um punhal com a ponta da tesoura e, numa encruzilhada, lançou o golpe. Mas errou, e o inevitável aconteceu: o Lobisomem voltou-se contra o alfaiate e lutou; os olhos da fera chispavam fogo e a língua se agitou incendiada, eriçando medonhamente os pêlos. Mas o alfaiate conseguiu feri-lo e fez sangue. Ambos correram para lugares diferentes.

No outro dia o alfaiate foi visitar o amigo e contou o que acontecera, mostrando-lhe o sangue que ficara na tesoura. O infeliz ficou zangado com o amigo e rompeu relações. (Segundo Piazza, 1952).

— Não há nenhuma transformação depois da morte do homem-lobisomem.

9 – A FORÇA DO MITO, DA TRADIÇÃO

A influência do mito é tão forte, tão profunda na mente humana que, segundo o Dr. Jorge Huxley, apud Almeida, na povoação de Taraurá, no rio Uaupé, um frade que catequisara todos os índios, levou ao púlpito uma trombeta de Jurupari. Houve uma revolta geral e foi morto o indígena que dera ao padre o instrumento tabu (1962).

Em 1883, outro padre, no Panoré, tentou a mesma exibição e foi assassinado pelos índios.

A força da tradição é tão poderosa que até hoje, no interior do Rio Grande do Sul, nascendo a criança, para não deixá-la pagã, pois o Lobisomem chupa o sangue dos recém-nascidos pagãos, as parteiras da campanha cumprem religiosamente o preceito de batizá-las. Este é um dos motivos do primeiro batismo em casa.

Se a criança for do sexo masculino e o sétimo filho do casal, o irmão mais velho deverá ser o padrinho.

O batismo deverá ser realizado antes da primeira Quaresma após o nascimento, ou logo que vir a nascer, se a criança tiver nascido no decorrer da Quaresma.

Mesmo no meio urbano de Porto Alegre, como no de cidades do interior do Rio Grande do Sul, o mito do Lobisomem continua atuante, na sua função de reforçar a tradição.

Conforme diz a Professora Gladys Marra, por ocasião do nascimento de seu sétimo filho varão, ao convidar os padrinhos, ninguém aceitou este convite, e a família insistiu para que o padrinho fosse o filho mais velho com uma tia (Gladys Marra, professora Normalista, Curso de Pedagogia pela PUC, Porto Alegre, 1967).

Na sociedade em que vivemos, a crença no Lobisomem continua viva, tangível e envolvente, abrangendo diferentes níveis culturais, mesmo nível superior, atingindo camadas sociais diversificadas.

É uma herança histórica, complexa, mas que em seus 2.500 anos parece suficiente para demonstrar a espantosa vitalidade da Tradição.

10 – ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

A presente pesquisa tem por finalidade estudar e analisar os diversos procedimentos das pessoas informantes de diferentes faixas etárias com relação ao medo, que o mito Lobisomem provoca, como crença popular, e as características que o envolvem.

O universo desta pesquisa, realizada em Porto Alegre, foi de cinqüenta e oito informantes, de ambos os sexos, sendo em maior número o elemento feminino.

– Na primeira faixa etária foram entrevistados 65,5% do universo visado, cuja totalidade dos informantes são alunos das escolas da Capital, incluindo curso noturno:

Escola de 1º Grau Luciana de Abreu,
Escola de 1º e 2º Graus Anne Frank,
Escola de 1º e 2º Graus Inácio Montanha,
Colégio Santa Rosa de Lima,
Escola Artesanal "Arte do Livro",

sendo 36% elemento masculino e 64%, feminino.

Dos vinte e oito (28) "causos" recolhidos, dez foram obtidos nesta faixa, perfazendo um percentual de 35,7% dos "causos".

– A segunda faixa etária atingiu 20,7% do universo, predominando o elemento feminino, 83,4% contra 16,6% do masculino. O número de "causos" – dez – resultou num percentual de 35,7%.

– Na terceira faixa etária, atingindo 13,8% do universo pesquisado, também predominou o elemento feminino, 75% contra 25%, apresentando oito "causos", ou seja, 28,6% do percentual de "causos".

– Os informantes são católicos na quase totalidade: 89,7%.

– Quanto à escolaridade, a entrevista abrangeu do primeiro grau incompleto ao terceiro grau, não havendo analfabetos.

Em face destes informes preliminares imprescindíveis far-se-á, a seguir, o estudo do enfoque do presente trabalho: o Lobisomem provoca,

ainda, medo sobre o espírito humano, e as características que envolvem o Mito Lobisomem.

— 60,3% dos informantes responderam que têm medo do Lobisomem e se previnem contra ele rezando, com a fé, com a cruz.

A faixa etária de doze a quatorze anos, atinge quase que a totalidade dos 39,7% daqueles que não têm medo — pois que não acreditam no Lobisomem, nem o viram, — não se previne contra ele. Mas o fato é que sabem quando o Lobisomem aparece, a época, a hora, o dia, o lugar; dão-lhe tamanho e forma e peculiaridades: das orelhas, olhos e cor, do focinho, boca e dentes, das unhas, rabo, pêlo e cor, da voz.

— Mesmo entre informantes das outras faixas etárias que não viram ou não crêem nele, sabem o que o Lobisomem faz, que não é qualquer pessoa que se transforma em Lobisomem; conhecem como se processa a metamorfose, como a pessoa adquiriu ou pode perder o fado; sabem se ele é criatura de Deus ou pertence à corte demoníaca como seus congêneres; se, como homem ou animal, ele pode procriar.

O Lobisomem

— Quanto ao Lobisomem, de acordo com o percentual analisado, observa-se que 37,9% do universo responderam afirmativamente tê-lo visto, aparecendo com maior freqüência às sextas-feiras de lua cheia, à meia-noite, sendo o dia treze o mais propício, em qualquer época, preferivelmente no mês de agosto.

— Com referência ao lugar onde o Lobisomem aparece, embora o maior percentual — 31,2% — dos que responderam, não saibam identificá-lo exatamente, há predominância de certos locais: mato, cemitério, em volta da habitação (galinheiro, galpão, quintal, curral), num percentual de 54,2%.

— A maioria das pessoas entrevistadas não viu ou não sabe de que maneira o Lobisomem aparece; porém, do universo pesquisado, 48,3% disseram tê-lo visto parado, correndo, caminhando, surgindo de repente, brigando, comendo, dormindo.

— Com relação a sua forma física, 38,1% identifica-o como cão grande, caído para a frente; 17,4%, como lobo; 34,2%, como porco, macaco, novilho, boi, carneiro, gatão, havendo as formas híbridas de homem-lobo, homem-cão e a humana — menino com garras: 10,3%.

— As orelhas, em geral grandes, que batem, compridas, peludas, em pé ou caídas — 55,2% — às vezes, curtas, raramente são pequenas e semelhantes às de macaco e de gatão.

— Os olhos predominantemente são vermelhos — "de fogo" —, reluzentes, grandes, às vezes, pretos ou marrons, embora haja informantes — 34,6% — que desconheçam estas características.

— Como, geralmente, o Lobisomem é um cão grande, o focinho é comprido, grande ou médio, — 39,8% — às vezes, curto, pequeno, peludo, preto — 18,8% — ou de tipos especificados: lobo, porco, carneiro, boi — e neste caso era disforme, perfazendo um percentual de 13,8%. Há também informantes que não o especificam, num total de 27,6%.

— A boca e os dentes, excetuando os que não sabem ou os que viram o Lobisomem com ela fechada — 34,5% —, os demais informantes os caracterizam assim: boca grande, às vezes, vermelha, raramente pequena, com dentes grandes e compridos — 41,4% —, com presas grandes — 6,9% — dificilmente pequenos.

Há informantes que especificamente se referem à boca e dentes de lobo, cão, porco.

— As unhas do Lobisomem são grandes, compridas, curvas, grossas, verdadeiras garras, pois é um animal de porte, ágil e forte, e com estas características, elas fazem um total de 50,4%, havendo os que apenas as identificam com aquelas dos animais sob cuja forma o "Lobisa" lhes apareceu: boi, porco, novilho (este com três dedos na unha em vez de dois, como é normal no ruminante).

— Duas características muito importantes do nosso personagem são o rabo e a pelagem.

Observando-se o apêndice caudal, assim foi visto: grande, comprido — 22,5% —, raramente curto, pequeno — 12,1% —, bem peludo — 25,9% —, chegando até a dar a impressão de ser volumoso; rabo sem pêlos e mesmo sem rabo — 12,1%.

Incluem-se 24% dos informantes que não sabem ou não viram, se ele tinha rabo, por vários motivos: estar sentado, estar escuro.

— Os depoentes afirmam que tem o corpo revestido de pêlos, sejam estes ásperos, crespos, altos ou baixos; é a maioria que assim o diz: 72,4%. Os restantes entrevistados — 27,6% — afirmam que o Lobisomem não tem pêlos ou não sabem se os tem.

— No que diz respeito às cores, o preto e o marrom predominam — 50,1% —, havendo variantes de marrom: castanho, amarelado, ruivo —

15,5% – e do preto: preto e branco, cinzento – 8,5% – e malhado – 10,4%.

Apenas 15,5% dos informantes desconhecem a cor do pêlo.

– A "voz" do Lobisomem identifica-se principalmente com o uivo – 34,5% – característica do lobo e do cão, seguindo-se o rosnado – 22,5% e o ronco – 13,8% – quando o animal está zangado; quanto ao grunhido e ao mugido, ou miado, trata-se especialmente do Lobisomem sob as formas de porco, boi, novilho, de gatão (11,9%).

O urro e o ganido, manifestações vocais, normalmente de raiva ou de dor, fazem um percentual de 8,6%.

Um pequeno percentual de informantes – 8,7% –, não conhece a "voz" do Lobisomem.

A Metamorfose

Examinadas as características físicas do Lobisomem, passa-se a analisar os dados colhidos em relação à metamorfose.

– Dos informantes, 46,6% afirma que a metamorfose só ocorre entre "aqueles que têm sina" pois "não é qualquer um" que a sofre; 13,8% atribui a metamorfose ao sétimo filho homem e os demais depoentes atribuem-na a quem praticou o mal ou cometeu crime – 10,3%.

Os demais referem-se a "quem é esquisito" ou foi mordido por Lobisomem ou tem dupla personalidade: 8,6%. Apenas 20,7% dos informantes desconhecem a causa que possa provocar esta metamorfose.

– Em face da pergunta se "conhece alguém que se transforma em Lobisomem", houve duas alternativas: 48,3% afirmaram conhecer pessoas que sofram de Licantropia, 51,7% negaram conhecer alguém que sofra deste mal.

– Quanto ao conhecerem como se dá a metamorfose, 67,2% afirmam que sabem, mas que ocorre de modo diverso, porém com um denominador comum: a criatura espoja-se antes, seja na urina, em excrementos animais ou na cama onde os animais deitam, ou apenas na lama, na areia, ou em qualquer lugar, normalmente antes, retirando as roupas.

Destes 67,2% dos entrevistados, 6,8% atribuiram a metamorfose a outros motivos: ser mordido por Lobisomem ou ser a encarnação do espírito das trevas.

Apenas 32,8% dos restantes informantes desconhecem como se processa a metamorfose.

– O Lobisomem tem certos procedimentos:

Dos informantes – 51,8% afirmam que ele não come,
48,2% afirmam que não morde,
51,7% afirmam que não mata,

correspondendo respectivamente aos percentuais:

24,1% dizem que ele come,
24,1% dizem que não sabem se come;

também somente e da mesma maneira, e

29,3% afirmam que ele morde
22,5% desconhecem este fato;
22,5% afirmam que ele mata
25,8% desconhecem se mata ou não.

– Dos informantes entrevistados, 43,2% confirmam que o Lobisomem ataca pessoas, enquanto que 56,8% afirmam que é inofensivo às pessoas ou então apenas desconhecem esta particularidade do Licantropo.

– Quanto a atacar animais, o Lobisomem é praticamente inofensivo a seus congêneres animais, pois somente 24,1% dos informantes afirmam que ataca.

Já os 55,2% dos informantes são categóricos em dizer que ele não ataca animais, apenas brigando ou mantendo-os à distância, enquanto que 20,7% limitam-se a dizer que não sabem.

– Espojar-se é uma das características, um dos pré-requisitos da metamorfose do Licantropo: 60,4% dos informantes afirmam, sem sombra de dúvida; uma minoria de 13,8% não sabe, enquanto que 25,8% dizem que ele não se espoja.

– O Lobisomem "se intimida" com o susto que causa nas pessoas, e foge, em 46,5% dos casos; permanecendo sem fugir em 32,8%. Os demais informantes – 20,7% – não sabem se ele foge ou não.

– Relativamente ao fato de deixar ou não marcas ou rastos quando vagueia ou foge, 55,2% das informações são positivas, sendo nítidas as marcas de cão grande, porco, boi e humana; 44,8% dos informantes desconhecem ou não sabem se deixa impressões por onde passa.

– Com referência a "como adquiriu o fado de ser Lobisomem" as atribuições são variáveis:

24,2% dizem porque é o sétimo filho homem;
15,4% afirmam que praticou o mal ou cometeu crime;
17,4% dizem que ele tem sina, ou maldição, ou é mal hereditário.

Um pequeno percentual afirma que "ninguém o sabe" ou que "foi mordido por um Lobisomem" – 8,5%.

Apenas 34,5% confirmam não saber a causa do fenômeno.

– Em resposta ao "que acontece se a pessoa é mordida pelo Lobisomem", obtiveram-se os percentuais seguintes:

58,6% recebe o fado ou maldição,

6,8% morre e

34,6% desconhecem o que acontece.

– A maioria dos entrevistados sabem como o Lobisomem perde o fado para sempre: sendo ferido, sem o saber, com faca, tiro, ou qualquer instrumento que cause ferimento sangrante – 29,3%; como Lobisomem, mordendo, ou sendo melhor como homem: 19,1%.

Outros atribuem a "cura" ao fim do cumprimento do fado, ou depois do período da lua cheia e há os que dizem que jamais perde o fado, num percentual de 5,1%.

Poucos afirmam que ele perde morrendo – 6,8% e, finalmente, os que não sabem, fazendo um percentual de 39,7%.

– Quanto ao Lobisomem ser da parte de Deus ou do Diabo, 91,4% do universo dos informantes afirmam ser do Diabo, outros mais, afirmam ser maldição – 5,2% e, apenas 3,4% deste universo dizem ser criatura de Deus ou desconhecem esta particularidade.

– Também no que diz respeito ao parentesco com a Bruxa, 51,8% dos informantes foram categóricos em afirmar; 3,4% não têm certeza e 24,2% dizem que não é parente, enquanto que 20,6% desconhecem se há parentesco entre ambos.

Gêneses do Lobisomem

Com referência à geração do Lobisomem – poderia ele procriar como homem ou como animal – os percentuais apresentados foram: como homem pode ter filhos normais – 51,6%; podendo, por exceção, haver filhos lobisomens ou bruxas – 12,1%; e uma minoria diz que não pode tê-los – 13,8%; enquanto alguns informantes desconhecem o fato – 22,5%.

– Mas como animal não pode, foi a afirmação de 86,2% do universo entrevistado, pois os demais animais fogem dele. Apenas 13,8% não sabem.

– Em relação ao fato de parentes sofrerem do mesmo fadário constitue-se verdadeira exceção, atingindo o percentual de apenas 11,9%, pois a maioria dos informantes – 79,4% – afirmam que o mal não atinge os parentes, restando 8,7% que não sabem sobre o fato.

11 – CONCLUSÃO

Em face da análise e interpretação dos dados recolhidos dos informantes, constatou-se que em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, o Mito Lobisomem continua realmente vivo na crença popular, pois a tradição oral tem mantido, através das gerações, o personagem em foco, marcando com o medo as gerações que se sucedem, envolvendo o Lobisomem numa auréola de mistérios sobrenaturais, temores extra-sensoriais.

O Lobisomem tem os mesmos traços comuns do Licantropo de outros lugares, países, continentes, mudando apenas o meio físico onde ele aparece e atua.

O nosso Lobisomem é uma figura mítica que apavora e, ainda que não seja um monstro destruidor de vidas humanas, maléfico, deixa na sua passagem, por onde vagueia ou foge, um rasto de medo, terrores que abalam as gerações com o passar dos tempos.

12 – BIBLIOGRAFIA

1 – ALMEIDA, Renato. *Inteligência do Folclore.* Rio de Janeiro, Ed. Livros de Portugal S.A., 1957.

2 – _____. *Manual de Coleta Folclórica.* Rio de Janeiro, Ed. Gráfica Olímpica, 1965.

3 – BENSON, Maurice. *Totemismo.* (trad. esp. Joaquim Gallardo) Buenos Aires, Editorial Labor S.A., 1931.

4 – BRASIL, J.C. Americano. *Lendas e Encantamentos do Sertão.* São Paulo, Edições e Publicações do Brasil, 1938.

5 – CASCUDO, L.C. Camara. *Geografia dos Mitos.* Rio de Janeiro, José Olímpio, 1957.

6 – _____. *Dicionário do Folclore Brasileiro.* 2.ed. Rio de Janeiro, INL/MEC, 1962.

7 – _____. *Mitos Brasileiros.* Rio de Janeiro, Cadernos de Folclore nº 6, MEC/DAC/FNA, 1976.

8 – CORTES, Paixão & LESSA, Barbosa. *Danças e Andanças.* 2.ed. Porto Alegre, Ed. Garatuja, 1975.

9 – FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa.* Rio de Janeiro, Ed. Nova Fronteira, 1975.

10 – GEORGIN, Charles. *Dictionnaire Grec-Français.* Paris, Libreirie A. Hatier, 1942.

11 – GUIMARÃES, Ruth. *Os filhos do medo.* Rio de Janeiro, Ed. Globo, s.d.

12 – JUNCOS, Manuel Fernandes. *Galeria Puertorriqueña.* Tipos y Caracteres. Costumbres y Tradiciones. San Juan Bautista de Puerto Rico, Instituto de Cultura Puertorriqueña, 1958.

13 – LOPES NETTO, Simões. *Contos Gauchescos – Lendas do Sul.* Porto Alegre, Ed. Globo, 1950.

14 – LIMA, Rossini Tavares. *Folclore das Festas Cíclicas.* Brasil, Ed. Irmãos Vitale, 1971.

15 – GARNIER, M. & DELAMARE, V. *Dictionnaire des Termes Téchniques de Medecine.* 3.ed. Paris, 1906, p.239.
16 – MACHADO FILHO, Aires da Mata. *Curso de Folclore.* Rio de Janeiro, Ed. Livros de Portugal S/A, 1947.
17 – MALINOWSKI, Bronislau. *Estudios de Psicologia Primitiva.* Trad. esp., 2ed. Buenos Aires, 1947.
18 – MEYER, Augusto. *Guia do Folclore Gaúcho.* 2.ed. Rio de Janeiro, Presença, SEC/MEC, 1975.
19 – MORAES, Luiz Carlos de. *Vocabulário Sul Riograndense.* Porto Alegre, Globo, 1935.
20 – MORALES, Ernesto. *Folclore y Tradición.* Antologia Argentina, Seleción y notas de Julio Díaz Usandivaras y Julio Carlos Días Usandivaras. Buenos Aires, Raigal, 1953.
21 – PIAZZA, F. Walter. *Nosso Folclore.* Boletim Trimestral nº 12, ano III, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil – Comissão Catarinense de Folclore, IBECC, jun. 1952.
22 – RAMOS, Arthur. *Estudos de Folclore.* Coleção Gaivota nº 8, Rio de Janeiro, Ed. Liv. da Casa do Estudante do Brasil, 1951.
23 – _____. *Folclore Negro do Brasil.* 2.ed. Rio de Janeiro, Ed. Liv. da Casa do Estudante do Brasil, 1935.
24 – REAL INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA DA GRÃ-BRETANHA E DA IRLANDA. *Guia Prático de Antropologia.* Trad. Otávio Mendes Cajado. São Paulo, Cultrix, 1971.
25 – SPITZER, Carlos S.J. *Dicionário Analógico.* 2.ed. Porto Alegre, Globo, 1952, p.307.
26 – VIDAL, Ademar. *Lendas e Superstições.* Rio de Janeiro, Ed. O Cruzeiro, 1962.

Revistas e periódicos

1 – KREBS, Carlos Galvão. Força e Dinâmica do Folclore. *Correio do Povo,* Porto Alegre, 25 ago. 1956.
2 – MARQUES, Lilian Argentina. Mitos e Lendas. Curso de Folclore. *Revista Terra Nativa.* Tradição e Folclore Nacional, 1969.
3 – O LOBISOMEM. *Correio do Povo,* Porto Alegre, 22 nov. 1981.
4 – QUEM ASSUSTOU os filhos das trevas? *Periódico,* Rio Gráfica e Ed. S/A, Rio de Janeiro, 1972.
5 – RIBEIRO, Maria de Lourdes Borges. *El Lobisón.* Brasil Cultura, Buenos Aires, 1982.

ANEXOS

O LOBISOMEM E SUA CONTRIBUIÇÃO: ARTÍSTICA

O Lobisomem, sendo o mais popular dos animais fabulosos, e com maior área geográfica de influência e crédito tradicional, e com tantas versões no que diz respeito ao aspecto, onde, como "encanta" ou "desencanta", é natural que esta figura mítica seja alvo de versos como o é de estórias.

Trovas populares contam coisas extraordinárias que acontecem e não raro é o lugar do Brasil em que o cantador conta, numa série de estrofes, ao som da viola, "causos" do Lobisomem.

O Lobisomem de Correiras sob a forma de Dragão, que segundo a antiga crença local aparece às sextas-feiras, em dia de lua no cemitério da família Correias, município de Santa Catarina, durante a Quaresma ou dias 13, mereceu os versos infra-transcritos. O autor, Sr. Altino de Oliveira, é também o autor da fotografia colhida no local, porque a máquina "disparou uma chapa".

Este fato assombroso ocorreu em Caçador, Santa Catarina e os versos datam de 22 de maio de 1946.

I

Quando aqui era deserto
Poucos moravam neste sertão,
Existiam brancos e negros cativos
Era tempo de escravidão.
Branco era batizado
E preto morria pagão.

II

O povo já tinha medo
Que isto desse confusão
Apareceu logo um gritadò
Já viram que era visão
Era o tal do "Lubizome"
Esprito de negro pagão.

III

Tinha uma negra sete filhos,
Todos os sete bem negrinhos
Se o mais velho não fosse batizado
O mais moço virava lubizomezinho;
O mais velho morreu sem batismo
E deu destino ao pequenino.

IV

A mãe dos meninos — chorando —
Sem este destino podè cortá,
Viu o mais velho virá lubizome
E o menorzinho boitatá;
O resto não digo nada
Tenho medo inté de contá!

V

Contando um pouco desta história
Vi esse monstro aqui no sertão,
Não sei se morto ou vivo
Só sei que horrível visão
Estava em um cemitério
Sexta-feira da paixão.

VI

Eu fui pagá promessa,
Que há muitos anos devia:
Ir a um cemitério, em horas mortas,
Quando o povo já dormia
E sem ouvir o cantar do galo
Perguntá o morto o que queria,

VII

O povo já me prevenira
Uns quantos dias atrás
Que nestas encruzilhadas transitava
o Pé Redondo ou Satanás,
Que por estes lados à noite
Ninguém pode caminhar em paz.

VIII

Eu devia essa promessa
E só tinha que pagar
Por mais que custasse a vida
Prá Deus não me castigar —
Ir sozinho ao cemitério
Chamar mortos e ouví-los falar.

IX

Afinal foi chegando o tempo
Até chegou o dia —
Sexta-feira da paixão,
Serrando as ave-marias;
Era noite a noite de falá c'os mortos
De ir pagar o que eu devia
Promessa era de salvar minha via,
Por outro neste mundo eu não fazia.

X

A cidade já silenciosa dormia
Escura noite trovejando
Com meu aparelho de fotografia
Fui pouco a pouco caminhando;
Relâmpagos alumiava; aos poucos
Do cemitério fui me aproximando.

XI

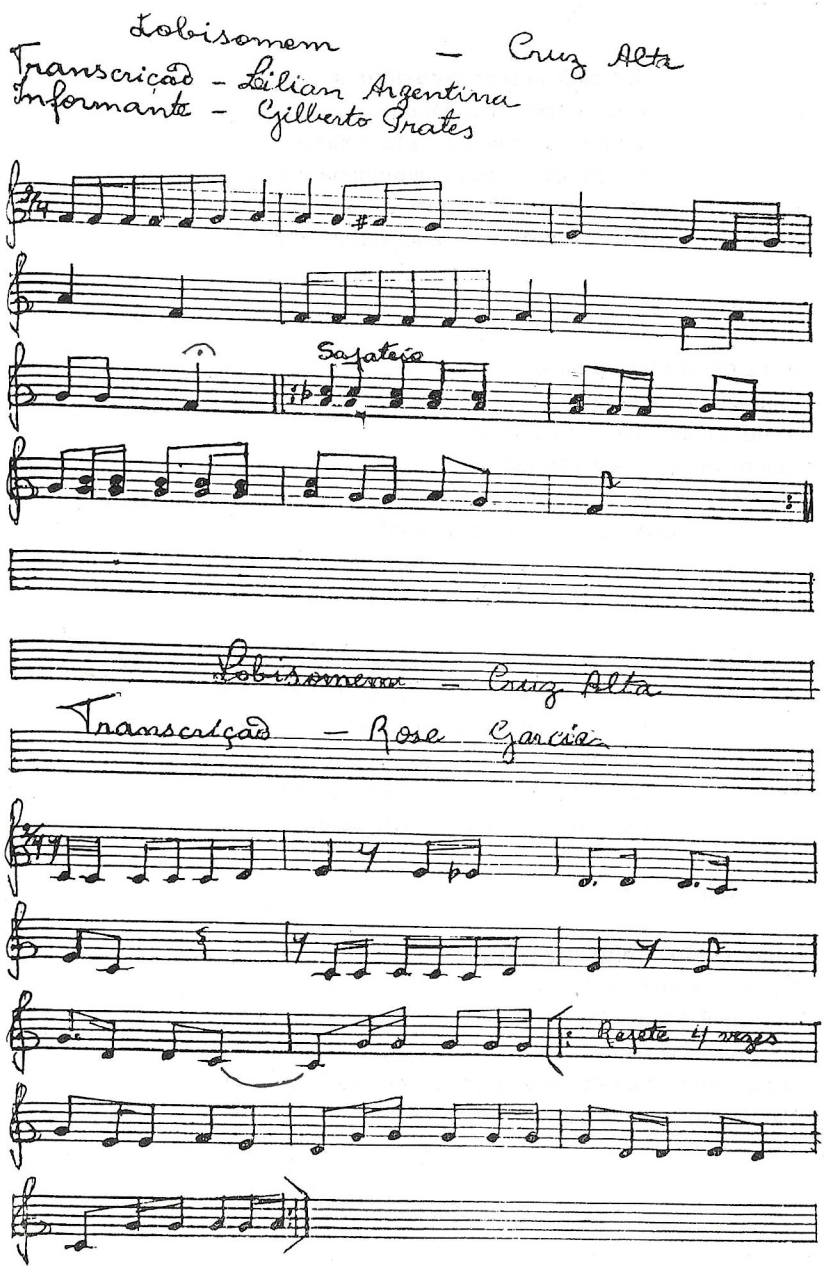
Abri a porta do cemitério
E sobre cruz ajoelhei no chão,
Acendi umas velas; fechei os olhos
E silencioso pensei no Irmão;
Sepulto moveu-se e um gemido ouvi,
Estou perdido, Deus, meu Deus, perdão!

XII

Que assombro, que medo, que horror
Um rosnar, um gemido escutei!
Uma estranha visão acenava
Que isso, meu Deus, eu não sei.
No correr disparou-me uma chapa,
Corri pelo escuro e afinal escapei.

XIII

Eu contando direito esta história
Representa inté um sonho,
A fotografia é que lhe vai provar
Se é lubizome ou demonho.
Não caminho mais de noite, e promessa não faço
Nestas embrulhadas nunca mais me ponho.



Música do Lobisomem – recolhida em Cruz Alta, R.S., através da execução, em acordeón, pelo Dr. Gilberto Prates, que informou tê-la aprendido com o Dr. Bairon Costa, ex-patrão do C.T.G. "Melo Manso". (vide música).

Coleta efetuada pelas professoras Lilian Argentina e Rosa Maria Garcia, tendo esta última feito o registro na pauta musical.

Letra da Música Lobisomem – Folclórica

Morena, por tua causa
Passei muito trabalho
O bichinho Lobisomem
Muito tem me acompanhado
Boitatá com seu fogo
Também tem me iluminado.

Coleta efetuada por J.C. Paixão Cortes (informante Romeu Passos), recolhido no município de Taquara.

Coreografia da música Lobisomem – Os C.T.Gs. de Cruz Alta apresentam uma coreografia da música do Lobisomem, porém ignoram as fontes coreográficas.

O Lobisomem apresentado em Cruz Alta tem o seguinte desenvolvimento:

1 – Passeio lento (fila de pares, mãos tomadas como no "Anu")
2 – Cumprimento
3 – Passeio, giro da dama para a troca de lado
4 – Perseguição à dama pelo rapaz (em sentido contrário aos ponteiros do relógio): a dama desloca-se em passos de polca e o rapaz em quatro sapateios de avanço, retomando ambos, desta forma, a seus lugares de origem.
5 – Batidas de palmas repicadas (como no "Anu")
6 – Passeio

Dados cedidos pela Biblioteca Gaúcho de Tradição e Folclore da Secretaria de Cultura, Desporto e Turismo do Estado do Rio Grande do Sul.

Na área do Regionalismo, o Mito Lobisomem serviu de tema à música classificada na VI Califórnia da Canção, realizada em Uruguaiana, em 1977:

Memórias sentimentais de um lobisomem (Milonga)
Autor: Isabela Amilivia

O minuano assobiou milongas
no corredor das corujas.
É noite sob encomenda
prá lobisomens e bruxas.

Montado em cavalo baio
em noites de tempestade
meu uivo se faz trovão
e meu vulto claridade.

Cerração eu mesmo faço
Quando puxo meu palheiro.
Correndo com ventos e lebres
eu nunca chego em terceiro.

Em noites de sexta-feira
unhas, barbas crescem tanto
que quando vejo minha sombra
dou cambalhotas de espanto.

Solto os porcos do chiqueiro,
reuno os cães em matilha.
E rondo moças-donzelas
de baixo da corunilha.

INSTRUMENTO: ENTREVISTA

1 – Qual é o seu nome? (Do informante)
idade?
escolaridade?
profissão?
religião?
– Onde nasceu?
– Onde reside atualmente?
– Qual é a origem de seus antepassados?

2 – Já ouviu falar do Lobisomem?
– Tem medo do Lobisomem?
– Como pode prevenir-se contra ele?
– Já viu o Lobisomem?

3 – Quando o viu?
– Em que dia?
– Há algum dia especial para seu aparecimento?
– Em que época?
– A que horas ele costuma aparecer?

4 – Em que lugar o Lobisomem costuma aparecer?
– Ele pode aparecer em outros lugares?

5 – a) Como viu o Lobisomem? Ele estava correndo? Voando? Parado? Apareceu de repente?
b) Com que forma o animal aparece? Qual é o tamanho dele?

6 – Características do Lobisomem?
   a) Como se apresenta:
      – Como são as orelhas?
                os olhos? a cor?
                o focinho?
                a boca, os dentes?
                as unhas?
                o rabo?
      – Ele tem pêlos?
      – Como é a pelagem? a cor?
   b) Como se manifesta:
      – Qual é a sua "voz"?
            ganido? uivo?
            grito?
            rosnado?
            ronco?
            urro?

7 – Qualquer pessoa pode se transformar em Lobisomem?
  – Conhece alguém que se transforma em Lobisomem?
  – Como o homem se transforma em Lobisomem?

8 – O que o Lobisomem faz?
   – Come?
   – Morde? Mata?
   – Ataca animais? Ataca pessoas?
   – Foge?
   – Espoja-se?

9 – Deixa rasto ou marcas quando vagueia ou foge?

10 – Como a pessoa adquiriu este fado ou fadário de se transformar em Lobisomem?
  – O que acontece quando a pessoa é mordida pelo Lobisomem?
  – Como pode perder a fatalidade de ser Lobisomem?

11 – Da parte de quem é o Lobisomem: de Deus?
                                    do Diabo?
  – O Lobisomem é parente da Bruxa?

12 – Como homem, o Lobisomem pode ter filhos?
  – Quantos filhos?
  – Normais?
  – Lobisomens?
  – Como Lobisomem, ele pode ter filhos?

13 – Conhece parentes do homem-Lobisomem que sofram desta maldição?
  – Quem?
  – Tio? Irmão? Pai? Primo?

LEVANTAMENTO E TABULAÇÃO DE DADOS
UNIVERSO PESQUISADO: 58 PESSOAS

Informantes:

Entrevistas Percentual		Faixa etária	Sexo Masc.	Sexo Fem.	Entrevistas Causos	Entrevistas Percent.
65,5%	38	12 a 25 anos	36,0%	64,0%	10	35,7%
20,7%	12	26 a 50 anos	16,6%	83,4%	10	35,7%
13,8%	8	51 a 78 anos	25,0%	75,0%	8	28,6%

Religião

52	Católicos	89,7%
4	Protestantes	6,9%
1	Espírita	1,7%
1	Outras	1,7%

Escolaridade

21	1º Grau Incompl.	36,3%
27	1º Grau	46,6%
7	2º Grau	12,0%
3	3º Grau	5,1%

Lobisomem:

Medo do Lobisomem

35	Tem medo	60,3%
23	Não tem medo	39,7%

Como se previne do Lobisomem

26	Não se previne	44,8%
13	Com a Cruz, a Fé	22,5%
14	Rezando	24,2%
2	Com sal	3,4%
1	Com fogo	1,7%
2	Com espelho	3,4%

Viu o Lobisomem

22	Sim	37,9%
36	Não	62,1%

Quando aparece o Lobisomem

20	6ª feira, lua cheia/13	34,6%
28	6ª feira, lua cheia	48,4%
2	6ª feira	3,4%
2	5ª feira	3,4%
2	3ª feira	3,4%
2	2ª feira	3,4%
2	Não sabe	3,4%

Época em que aparece

18	Qualquer época	31,0%
10	Não sabe	17,3%
11	Agosto	18,9%
5	Verão	8,6%
6	Quaresma	10,4%
5	Todo ano dia 13	8,6%
3	Finados	5,1%

A que horas o Lobisomem aparece

44	À meia-noite	75,9%
8	Antes da meia-noite	13,8%
4	De madrugada	6,8%
2	Não sabe	3,5%

Lugar onde aparece		
18	Não sabe	31,2%
11	No mato	19,0%
7	No cemitério	12,1%
5	Em casa	8,7%
3	No galpão	5,1%
3	No quintal	5,1%
2	No galinheiro	3,4%
2	Na rua	3,4%
2	No pantanal	3,4%
2	Nos lugares desertos	3,4%
1	Na praia	1,7%
1	No curral	1,7%
1	Na encruzilhada	1,7%

Como viu o Lobisomem		
22	Não viu	37,9%
10	Parado	17,3%
8	Não sabe	13,8%
7	Correndo	12,2%
4	De repente	6,9%
2	Brigando	3,4%
2	Caminhando	3,4%
2	Comendo	3,4%
1	Dormindo	1,7%

Tamanho e forma do Lobisomem		
10	Lobo	17,4%
6	Cão grande, alto para trás	10,5%
8	Cão grande	13,8%
1	Cão grande, pelado	1,7%
5	Cão	8,7%
2	Cão pequeno	3,4%
3	Porco grande	5,1%
2	Macaco	3,4%
1	Gatão	1,7%
1	Boi grande, alto para trás	1,7%
1	Novilho grande, alto para trás	1,7%
1	Carneiro grande, alto para trás	1,7%
8	Não sabe	13,8%
4	Homem-lobo	6,9%
2	Homem-cão	3,4%
1	Diabo	1,7%
1	Não viu	1,7%
1	Menino deformado com garras	1,7%

Orelhas		
14	Não sabe	24,2%
6	Grandes, que batem	10,5%
11	Grandes	18,9%
5	Pontudas	8,7%
2	Em pé	3,4%
2	Peludas	3,4%
2	Pequenas	3,4%
2	Caídas	3,4%
1	Curtas	1,7%
3	De cão	5,2%
3	De lobo	5,2%
1	De macaco	1,7%
1	De gato	1,7%
1	Não viu	1,7%
4	Compridas	6,9%

Olhos e cor		
14	Vermelhos	24,3%
11	Reluzentes	18,9%
7	Pretos	12,0%
2	Marrons	3,4%
3	Grandes	5,1%
1	De cão	1,7%
15	Não sabe	25,9%
5	Não viu	8,7%

Focinho do Lobisomem		
9	Comprido	15,6%
7	Grande	12,2%
4	Pequeno	6,9%
3	Curto	5,1%
3	Médio	5,1%
1	Disforme	1,7%
2	Peludo	3,4%
2	Preto	3,4%
15	Não sabe	25,9%
1	Não viu	1,7%
5	De lobo	8,7%
4	De cão	6,9%
1	De porco	1,7%
1	De carneiro	1,7%

Boca			e	Dentes	
16	Não sabe	27,6%	16	Não sabe	27,6%
23	Grande	39,7%	24	Grande, comprido	41,4%
4	Fechada	6,9%		----------	
5	De lobo	8,7%	4	De lobo	6,8%
4	De cão	6,9%	6	De cão	10,4%
1	De porco	1,7%	1	De porco	1,7%
2	Grande e vermelha	3,4%	4	Presas grandes	6,9%
3	Pequena	5,1%	3	Pequenos	5,1%

Unhas		
16	Grandes	27,7%
11	Compridas	18,9%
5	Curvas	8,7%
2	Pequenas	3,4%
2	Garras	3,4%
1	Grossas	1,7%
14	Não sabe	24,3%
2	Não viu	3,4%
2	Porco	3,4%
1	Cão	1,7%
1	Boi	1,7%
1	Novilho (três dedos)	1,7%

Rabo		
15	Peludo	25,9%
6	Grande	10,4%
5	Comprido	8,7%
6	Curto	10,4%
2	Grosso	3,4%
2	Caído	3,4%
1	Pequeno	1,7%
6	Sem rabo	10,4%
1	Comprido sem pêlo	1,7%
11	Não sabe	18,9%
3	Não viu	5,1%

Tem Pêlo			e	Cor	
4	Sim	6,8%	17	Preto	29,4%
11	Baixo	18,9%	12	Marrom	20,7%
10	Alto	17,4%	6	Malhado	10,4%
9	Peludo	15,5%	5	Castanho	8,7%
5	Áspero	8,7%	3	Cinzento	5,1%
3	Crespo	5,1%	2	Amarelado	3,4%
7	Pelado	12,1%	2	Ruivo	3,4%
9	Não sabe	15,5%	2	Preto e branco	3,4%
			9	Não sabe	15,5%

Voz do Lobisomem

20	Uivo	34,5%
13	Rosnado	22,5%
8	Ronco	13,8%
4	Grunhido	6,8%
3	Urro	5,2%
2	Ganido	3,4%
1	Mugido	1,7%
5	Não sabe	8,7%
2	Miado	3,4%

Quem se transforma em Lobisomem

15	Quem tem a sina	25,9%
12	Não é qualquer um	20,7%
12	Não sabe	20,7%
8	O 7º filho homem	13,8%
4	Quem pratica o mal	6,9%
3	Quem é "esquisito" ou preto velho	5,2%
2	Quem cometeu crime	3,4%
1	Quem foi mordido pelo Lobisomem	1,7%
1	Quem tem dupla personalidade	1,7%

Conhece alguém que se transforma em Lobisomem

28	Sim	48,3%
30	Não conhece	51,7%

Como a pessoa se tranforma em Lobisomem

10	Tira a roupa e espoja-se na sujeira	17,4%
5	Tira a roupa e espoja-se na cama do animal	8,7%
4	Espoja-se no excremento	6,8%
4	Espoja-se na urina	6,8%
4	Espoja-se em qualquer lugar	6,8%
3	Espoja-se na areia, lama	5,2%
5	Espoja-se e se altera aos poucos	8,7%
2	É mordido pelo Lobisomem	3,4%
2	Encarnação do espírito das trevas	3,4%
19	Não sabe	32,8%

O que faz o Lobisomem

15	Come	24,1%
30	Não come	51,8%
14	Não sabe	24,1%
17	Morde	29,3%
28	Não morde	48,2%
13	Não sabe	22,5%
13	Mata	22,5%
30	Não mata	51,7%
15	Não sabe	25,8%
35	Espoja-se	60,4%
15	Não se espoja	25,8%
7	Não sabe	13,8%
25	Ataca pessoas	43,2%
24	Não ataca pessoas	41,3%
9	Não sabe	15,5%
14	Ataca animais	24,1%
32	Não ataca animais	55,2%
12	Não sabe	20,7%
27	Foge	46,5%
19	Não foge	32,8%
12	Não sabe	20,7%

Deixa marca quando foge ou vagueia

15	Sim	25,9%
9	De cão grande	15,5%
3	Nítidas	5,2%
3	De porco	5,2%
1	De boi	1,7%
1	Humana	1,7%
8	Não	13,8%
18	Não sabe	31,0%

Como adquire o fado

20	Não sabe	34,5%
14	É o 7º filho	24,2%
6	Praticou o mal	10,3%
5	Tem sina ou maldição	8,7%
5	Hereditariedade	8,7%
3	Cometeu crime	5,1%
3	Mordido pelo Lobisomem	5,1%
2	Nin guém sabe	3,4%

O que acontece se é mordido pelo Lobisomem

30	Recebe o fado	51,8%
4	Recebe a maldição	6,8%
4	Morre	6,8%
20	Não sabe	34,6%

Como o Lobisomem perde o fado

14	Sendo ferido	24,2%
1	Sendo ferido c/faca	1,7%
2	Sendo ferido c/tiro	3,4%
6	Mordendo	10,4%
5	Melhorando	8,7%
4	Morrendo	6,8%
1	Depois de cumprir o fado	1,7%
1	Depois da lua-cheia	1,7%
1	Não perde	1,7%
23	Não sabe	39,7%

O Lobisomem é da parte de Deus ou do Diabo

1	De Deus	1,7%
53	Do Diabo	91,4%
3	É maldição	5,2%
1	Não sabe	1,7%

O Lobisomem é parente da Bruxa

30	Sim	51,8%
14	Não	24,2%
2	Talvez	3,4%
12	Não sabe	20,6%

Como homem o Lobisomem tem filhos

16	Sim	27,5%
14	Normais	24,1%
5	Lobisomens	8,7%
2	Bruxas	3,4%
8	Não tem filhos	13,8%
13	Não sabe	22,5%

Tem parentes com o mesmo fado

1	Sim	1,7%
1	O pai	1,7%
3	O filho	5,1%
1	O irmão	1,7%
1	A irmã	1,7%
5	Não sabe	8,7%
46	Não tem	79,4%

Como Lobisomem ele tem filhos

50	Não tem	86,2%
8	Não sabe	13,8%

CASOS DE LOBISOMEM COLHIDOS E GRAVADOS EM CASSETE

Faixa etária — 12 a 25 anos

14 anos — 8ª s. — Adriana Bassetti
(natural de POA, cat. brasileira — origem italiana)

Eu conheci um senhor italiano chamado Pietro Luzzi que vivia bem no limite da chácara do meu tio. Era velho, doente, de uns sessenta anos, muito pálido, bom; sempre me agradava e brincava comigo.

Meu tio não gostava e sempre me chamava para voltar para casa. Eu ficava contrariada, pois ele me contava estórias que eu gostava de ouvir. Eu tinha nove anos.

Lembro que um dia meu tio me trouxe, às pressas, do casebre do Pietro. Montamos a cavalo e voltamos a galope. A lua já começava a clarear a campina e meu tio cada vez corria mais.

Estávamos passando por perto de uns matos quando ouvimos um rosnado muito feio e eu perguntei o que era aquilo. E o tio me disse não ser nada e esporeou o cavalo.

Passamos longe do capão e eu não sabia porque correr tanto. Nisto saiu da moita um enorme cão malhado, mostrando os dentes e querendo atacar meu cavalo. Meu tio disse: — "Corre e me deixa". O tio parou o cavalo e eu saí apavorada. Parece que eu voava. Olhei para trás e vi o tio parado, olhando o animal. Não olhei mais e pensei em socorro. Olhei outra vez e vi o tio mostrar dois pedaços de pau formando uma cruz e um urro terrível ecoou na campina.

Cheguei em casa e contei tudo. Minha tia olhou mamãe e vovô. Vovó foi rezar o terço.

Depois de um tempão chegou meu tio Carlos, cansado, rasgado, com aqueles paus em cruz. — "Viste outra vez?" perguntou vovô.

— "Sim, era ele mesmo".

Tempos depois eu soube que o meu bom Pietro era aquele cão que nos tinha seguido e que o tio espantou com a cruz.

14 anos — 8ª s. — José Eduardo Nietto
(nat. de POA — Cristã Primitiva, bras., origem espanhol italiano)

Minha mãe era menina e morava lá perto da zona do cemitério de São João, na parte alta do bairro Floresta.

Meus avós tinham uma chácara grande com muitas frutas que vendiam. Nona fazia doces que mamãe ia vender nas casas das pessoas que encomendavam. Era tempo de fazer figada e mamãe foi levar as encomendas.

Ela tinha onze anos e foi com a vizinha, uma amiguinha chamada Julieta, que eu conheço. Elas entregaram as encomendas mas ficaram brincando de "cinco marias" e esqueceram o tempo. Quando viram era quase noite e se assustaram, pois as mães já deviam estar aflitas. Saíram depressa para casa, mas tinham de passar pelo Campo Santo. Quando estavam perto do portão do cemitério viram um cachorro preto e grande, e, como nunca o tinham visto, resolveram passar pelo meio da rua. Com medo, olhando para o cachorro, foram passando; então ele levantou a cabeça e começou a uivar como se estivesse doente. Depois deu um rosnado feio e quando olhou para elas, aqueles olhos grandes brilhavam muito no entardecer. Elas se assustaram. Foi quando ele saiu correndo e pulou para dentro do cemitério. Ouviram um ganido de dor e um baque de alguma coisa que tivesse caído do outro lado.

Elas começaram a correr, apavoradas, até a casa da Nona e contaram tudo.

No outro dia, Dona Ambrósia pediu para a Nona ir até a sua casa, pois o Pretinho estava muito ferido num braço, tinha febre e ela achava que ele tinha quebrado o braço. Socorreram o rapaz, mas o Nono viu que havia sangue na areia em frente da casinha e que as marcas iam por dentro da chácara, até a parte de dentro do Campo Santo.

Mamãe ouviu os pais falarem nisso e comentarem que por várias vezes eles já tinham visto marcas que vinham do mesmo lugar até a frente da casinha, onde a areia ficava revolvida como se um bicho se espojasse.

Nunca mais minha mãe saiu à noitinha e depois meus Nonos venderam aquela chácara e compraram outra na Vila Nova.

14 anos – 8ª s. – Livia Amaral
(nat. POA, cat., bras. – origem: port., ital., franc.)

1º caso: Dona Palmira Datri é uma senhora de setenta e cinco anos e é muito amiga de minha família; ela conta um caso que aconteceu com o Senhor Fidélio, primo ou tio de meu pai e também parente dela.

Sua namorada e ele moravam na mesma rua, onde havia uma pracinha e, à noite, eles se sentavam num banco para conversar.

Uma noite, uma coisa pesada e peluda caiu de cima da árvore, bem perto deles. Gemia e se revirava na areia do chão. Era peludo, amarronzado, olhos vermelhos, vidrados como se não estivesse vendo. As mãos eram grandes e peludas, a boca de dentes grandes.

Eles ficaram paralizados. O tal bicho peludo olhou para eles e começou a fugir. Na fuga caminhava muito engraçado, apoiava os braços como se eles fossem mais compridos que as pernas. Tinha quatro mãos e saiu todo se sacudindo como um macaco anda: meio em pé, meio se apoiando nas mãos da frente. Ele era uma figura desconforme, desengonçada, e os namorados saíram espavoridos.

2º caso: "Outra vez, conta Tio Fidélio, eu vinha depois de um serão da fábrica de bebidas onde trabalhava, na Brahma; eram umas duas ou três horas da madrugada quando eu vi sair de um beco um animal todo diferente. Não era cachorro, nem lobo. O jeito de andar daquele bicho peludo era parecido com o de um macaco. Logo me lembrei daquela vez quando eu estava na praça com minha namorada.

Segui o animal pelo beco, ele se abaixou num latão de lixo e parecia estar comendo. Eu fui atrás; saímos do beco e ao chegar à encruzilhada de ruas escuras e desertas o animal caiu, se espojou grunhindo e começou a se transformar num homem. Não cheguei a ver quem era. Fiquei apavorado e saí o mais depressa possível e só parei quando cheguei em casa."

14 anos – 4ª s. – Lourdes Fernandes
(nat. Venâncio Aires/RS – resid. POA, cat., bras., – origem: mestiços)

1º caso: Quando este fato se deu meus avós moravam bem para fora de Porto Alegre e gostavam de lá porque meu avô, quando era moço, era tropeiro, pelos lados de Venâncio Aires.

Minha avó ficava sozinha. Fechava a casa logo que anoitecia e costurava ou fazia crochê à luz de lampião. Como o sítio era grande tinham dois cachorros tipo policial, grandes, bons guaipecas, guardadores.

Uma noite vovó ouviu um barulho perto de casa, e os cachorros estavam inquietos, ganindo, latindo. À tarde ela deixava um tonel de lavagem para os porcos que vinham até perto da casa. O barulho continuava e então ela olhou pela janela, através da vidraça e viu um enorme cão preto comendo calmamente, apesar dos cachorros latirem. Mas vovó fez barulho ao abrir os tampos da janela e o animal levantou a cabeça. Ela viu, apavorada, uns olhos vermelhos que pareciam bolas de fogo e uma língua vermelha, lambendo os beiços por onde escorria a comida. Olhou para ela, mostrou os dentes grandes e pontudos. Ela viu que ele era bem mais alto atrás.

Mas os cachorros começaram a avançar e ele disparou em direção aos fundos da casa. Depois de alguns minutos o silêncio se fez, mas ela ficou louca de medo.

E assim, por várias noites de luar, ela viu aquele bicho.

Quando vovô voltou da viagem ela pediu que ele ficasse naquela quinta-feira, pois a noite de sexta seria de luar. Ele ficou; pelas onze e meia da noite os cachorros se agitaram, ganiram e ouviu-se o mesmo barulho no tonel de lavagem. Vovô pegou a arma e saiu para o pátio. O bicho se assustou e saiu em disparada, em direção à cerca dos fundos. Mas a cerca de arame farpado tinha pouco espaço entre um e outro arame e o bicho encurralado forçou a passagem. Claro que se feriu todo, pois passou a custo.

No dia seguinte vovô foi examinar a cerca e viu pedaços de couro de animal e pêlos pretos. Ele devia ter ferido o lombo e as patas da frente.

Vovó insistiu que ele fosse visitar seu Darcy da Dona Valda, que se dizia ser lobisomem. A custo ele foi e Dona Valda disse estar muito preocupada, pois o esposo tinha caído e machucado as costas e os braços, tinha ferimentos fundos que precisavam de atendimento do farmacêutico da cidadezinha próxima.

Vovô voltou para casa e o que vovó tinha dito era verdade: seu Darcy era lobisomem como diziam.

2º caso: Outro caso aconteceu com meu tio Ângelo, que também morava para fora. Uma noite ele ouviu uns ruídos estranhos na porta da frente e os cachorros latindo e ganindo. Lá fora havia alguma cousa; pensou que fosse algum gambá, mas ficou admirado dos cachorros ganirem.

Abriu o tampo da porta da frente e olhou pela parte de vidro e o que viu deixou-o nervoso, apavorado: sob a lua do luar ele viu um grande cão preto de pêlo lustroso e baixo, sentado, aparecendo a ponta do rabo. Os olhos chamejantes, vermelhos, olhavam parecendo querer dizer alguma coisa. Meu tio ficou parado e o cão também. Depois de alguns minutos meu tio correu, pegou a arma. Quando chegou ele já tinha sumido.

E o meu tio passou a acreditar em Lobisomem.

14 anos – 8ª s. – Luiza Stavinchz
(nat. POA, cat., bras. – origem: judeu – holandês)

Eu conheço uma senhora nascida em Recife e que agora mora em Porto Alegre há muitos anos. É a dona Josefina que tem setenta ou setenta e cinco anos. O sobrenome dela é engraçado: Mil Vidas.

Aqui primeiro ela morava perto da praia, lá para os lados de Espírito Santo.

Os namorados que por lá andavam já tinham visto um cão grande e peludo que aparecia pela praia nas noites de luar e já não iam pela praia, sobretudo nas noites de verão.

Um dia ela ia pela praia, pois vinha de volta do armazém com as compras da casa.

– "Eu devia ter uns dezesseis anos e pouco conhecia daqui; vinha distraída quando ouvi um barulho esquisito de cousa batendo e um rosnado estranho. Olhei e vi um grande cão de orelhas grandes que vinha na minha direção com os dentes à mostra. Minha primeira idéia foi correr para o armazém, mas minha mãe me esperava e já estava ficando noite fechada. Então corri contra ele, tomando um atalho no taquaral. Mas ele estava bem perto de mim.

Então me lembrei da cruz que tinha na corrente. Achei a cruz, pois eu tinha as compras bem apertadas contra o peito para não perder na corrida; puxei a cruz, parei e me virei mostrando a cruz: – "Jesus me acode!"

Quando o bicho viu a cruz parou e foi caminhando de ré e eu parada sem forças. Esperei, ele começou a se encolher, sempre recuando. Fechei os olhos apavorada; quando olhei não vi mais nada e agradeci a Deus.

Fui para casa tremendo. Contei para minha mãe.

Nunca mais tirei a cruz!"

– "Havia um doutor meu vizinho, que mais tarde eu soube, diziam ser o tal Lobisomem; era homem bom, mas sempre doente, pálido, vivia

muito retraído. Tinha nove filhos e diziam que um dos meninos era Lobisomem porque tinha as mãos muito peludas. Mas eu não sei se isto é verdade."

15 anos – 8ª s. – Icléia Gonzales
(nat. POA, cat. bras. – origem: bras. e esp.)

Meu avô tem ainda uma fazendinha ao redor de Porto Alegre, lá pela Cavalhada. Havia outras fazendas maiores, mas todas distantes umas das outras. Andava-se muito até chegar à casa. Hoje já tem muitas casas por perto, muitos sítios, mas há vinte anos atrás era muito deserto, com muito mato e capões.

Mamãe, as duas irmãs mais velhas e o único irmão, tio Argemiro, e mais o Duda estavam brincando de esconder. Na brincadeira nem perceberam que já estava escurecendo, pois nem ouviram as chamadas de vovó dizendo para entrarem.

Como a noite estava clara vovô deixou as crianças brincarem depois do jantar e a brincadeira de esconder continuou.

Era o Miro, meu tio, quem devia procurar. Só valia esconder-se por perto e não no mato: o celeiro, o estábulo, a casa dos empregados e o galinheiro. Bem, e assim na gritaria ele achou as duas irmãs maiores e achou a mamãe no estábulo.

Estavam procurando o Duda quando os dois ouviram uns roncos, um barulho de remexer nas palhas dos animais e uma agitação nos cavalos que relinchavam e levantavam a cabeça, pisoteando. As vacas batiam as patas e estavam agitadas. Nisto entrou o Pixote, nosso mestiço ovelheiro, e começou a acuar e ganir, avançando e recuando.

Tio Miro e mamãe foram ver o que era e ficaram espantados: Duda estava caído se remexendo na palha suja e os rosnados eram dele. Estava completamente diferente: olhos vermelhos, vidrados, as roupas rasgadas e sujas, as mãos com os dedos em garras, o rosto estava feio e o corpo tinha pêlos.

Miro pegou mamãe e se escondeu num fardo de feno, tremendo. Duda se levantou e saiu de quatro, mas já não era o Duda, parecia aquele cachorro preto que uma vez nós todos de casa já tínhamos visto: escuro, grande, orelhudo, que apareceu na ponta do mato quando o Miro esteve doente uma vez e não podia brincar. Era aquele cão parado que agora, também parado, olhava para nós.

Ele nos viu, sacudiu a cabeça, batendo as orelhas, passou por nós e foi embora pela noite clara.

Mamãe ainda tem medo, e eu também, quando conta o caso.

— "Coitado do Duda! Ele morreu depois de ter sumido de casa por uma semana. Acharam seu corpo no mato, morto por um tiro no coração."

18 anos — 7ª s. — casada — Maria Radela Vasquez
(nat. Santo Augusto/RS — res. POA, cat., bras., origem: italiana — paraguaia)

Eu tinha nessa época uns quatorze anos e morava bem retirado do centro de Vila Nova. Tínhamos uma chácara muito grande, com criação, árvores frutíferas, lindas parreiras.

Eu e meus irmãos — somos em cinco — vivíamos percorrendo a chácara, que nos fundos tinha uma sanga.

Nosso vizinho era Sr. Gervásio Moreira, homem doente, muito bom, que, com a esposa, Dona Marta, tinha criado um sobrinho que era como seu filho. Antonio era casado, apesar de muito jovem, mas era ciumento da esposa que era bonita e muito metida em tudo.

Sr. Gervásio trabalhava no DAER, mas estava aposentado para uns dez anos. Ele era uma pessoa diferente, não sei porquê, e fazia "biscates": arrumava cercas, jardins, cuidava da chácara, vendia frutas. Tinha um caminhão que o filho guiava, para levarem as frutas no mercado.

Eu tinha medo dele. Já se falava que o Sr. Gervásio era Lobisomem; mamãe já o conhecia quando ele morava em Santo Augusto.

Diziam que uma vez os trabalhadores do DAER tinham pegado na estrada um cão pelado muito estranho com unhas enormes, dentes grandes, orelhas diferentes e que tinham amarrado num pau. No outro dia Sr. Gervásio, quando foi trabalhar, tinha um ferimento no pescoço e o cão tinha sumido. Ah! as unhas dele eram grossas e grandes.

Começou a correr a notícia de que ele era aquele cão que apareceu na estrada e que também aparecia nos galinheiros da vizinhança. Depois esse cão apareceu outras vezes e, por coincidência ou não, perseguia aqueles que tinham falado dele — Sr. Gervásio — dizendo que era Lobisomem.

Desgostoso ele mudou-se de lá, indo para Porto Alegre, e era o nosso vizinho.

Mamãe tinha um nenê e uma vez nós vimos na janela uma cara de cão guaipeca pelado, agitando as grandes orelhas. Mamãe lembrou que Lobisomem chupa sangue de criancinhas e pediu sal para pôr nas janelas e portas.

Na outra sexta-feira de luar ouvi um barulho na janela e pelo vidro vi aquele cachorro pelado e orelhudo, arranhando a janela e roncando. Minha irmã foi até o fogão e tirou um pedaço de lenha com fogo. Abriu a janela da outra peça e atirou o pau em fogo. Fechou a janela e ficamos tremendo: ouvimos um urro e depois ganidos de dor e o bicho saiu galopando.

No outro dia Sr. Gervásio estava com o braço queimado. Era ele o Lobisomem.

22 anos — 8ª s. — casada — Maria Olímpia Dias
(nat. POA, res. POA, cat., bras., origem: brasileira)

Meu marido chama-se Luiz Carlos Dias e nasceu e morou até os dez anos aqui pela cidade baixa, na rua João Alfredo.

Com a turma de meninos brincava lá para os lados da margem do Guaíba, antes de ser aterrado aquele pedaço, onde hoje há tantos edifícios.

Já eles ouviram falar que ali, pela zona da Baroneza do Gravataí havia um lobisomem, mas não deram importância.

Um dia, brincando e molhando os pés na água do rio, a turma ficou até mais tarde; o dia fora muito quente, e a brincadeira de esconder estava boa. Não viram entardecer.

Era de bater o "pique" e Carlinhos estava procurando os amigos pelas moitas e árvores, algumas grandes que havia na beira do rio. Atrás de uma árvore ele viu alguma cousa, pensou que fosse um amigo escondido e disse: "Sai João, vou te bater o pique". E saiu correndo; olhou para trás e o que viu o deixou paralisado: de trás da árvore saiu um animal peludo, arrastando as mãos pelo chão, com um focinho comprido, orelhas grandes e andando a trote. Era um macaco, mas diferente dos que ele conhecia. Ele pensou: — "será aquele lobisomem que falam que existe na Baroneza?" — Não pensou mais nada. Correu, gritou pelo João, o Teco, o Tonho. Eles, quando viram "aquilo", subiram numa das árvores e gritaram: — "Vem, Carlinhos, aqui!" "Carlinhos, a árvore, sobe!"

Carlos começou a subir, arranhando-se todo; assim que tirou o pé do chão, o macacão chegou e pôs-se de pé. Era alto, pesado, marrom, rabo curto. Não conseguiu subir e ficou no chão grunhindo, mostrando os dentes enormes, batendo com as mãos no chão, rosnando.

Os meninos, trepados no cinamomo, rezavam o "Santo Anjo".

O bicho não saía e eles não podiam descer. O bicho parou de pular e gritar; caiu no chão e começou a rolar, roncando, urrando; parecia estar sofrendo. E os meninos viram o bicho perder a forma de animal, e se transformar numa "cousa curvada", um homem feio que saiu cambaleando e todo nu entrar pelo rio a dentro até desaparecer.

Um ficou olhando para o outro, fizeram o sinal da cruz e quando desceram da árvore foram direto para a Capela de Santo Antônio, contar o que viram ao Frei Anselmo, um bom velhinho, amigo deles. E prometeram não andar mais por lá.

O Frei rezou com eles, abençoou-os e mandou-os para casa. Disse que eles andassem sempre com a Cruz e que o sinal da cruz espantava os males, até o diabo.

Faixa etária: 26 a 50 anos

35 anos — 2º grau — secretária — Zilca Machado
(nat. Viamão, resid. POA, cat., bras., origem: bras. e ital.)

Quando eu era mocinha, uns dezesseis ou dezoito anos, minha mãe conheceu uma senhora que morava na mesma rua que nós, ali perto da Baroneza.

O marido de Dona Zeca era muito estranho; trabalhador, mas muito doente, magro, amarelado, olhos fundos. Mas era um homem bom.

Toda vizinhança soube o que aconteceu um dia, e foi um reboliço na rua. Dona Zeca, de manhãzinha, quando se levantou para ver o Pedrinho que era nenê, ficou apavorada: do seu lado, na cama, estava um ser esquisito, peludo, cheirando a sujeira, dormindo. Parecia um vagabundo assim na luz da vela. Chegou mais perto e viu que era um enorme cão malhado que ali dormia calmamente.

Ela pegou o filho, enrolou-o, apagou a vela e saiu como estava, para procurar socorro. Entrou na casa da mãe dela, contou o que tinha visto e ficou lá até de manhã.

O irmão, o pai e ela foram até à casa pela manhã, umas sete horas e viram na cama o Sr. João Paulo calmamente dormindo. Tudo parecia normal, mas no chão as roupas dele estavam todas sujas, rasgadas e debaixo

do lençol ele estava nu e sujo. Ela não disse nada de tanto medo; ele se levantou, tomou banho e foi trabalhar.

Por muitos anos isto aconteceu, sempre só na época da Quaresma e ela já sabia, e nestes dias, depois que ele dormia, ela saía de casa com o filho.

Um dia ele foi acidentado e pouco depois morreu, mas não perdeu a sina. Ela envelheceu por ter um marido assim.

2º caso: Passaram-se seis anos.

Quando Pedrinho já estava no colégio ela acordou uma noite com um barulhão dentro de casa. Era um porco grande que queria sair e andava de lá para cá. Ela foi pegar a vassoura e fechar a porta do quarto, para não acordar o menino. A cama estava revirada, a garrafa de água quebrada e no chão havia sinais de patas de porco.

Ela ficou apavorada, mas sabia que para sair pela porta tinha de espantar o porcão. Então pegou a vassoura e bateu nele. Ele fugia, mas voltava para a porta. Ela bateu, bateu, até que o porco caiu e começou a sangrar na cabeça.

Coitada da mulher! O porco foi perdendo a forma e, apavorada, ela viu seu filho todo ensangüentado no chão. Pegou-o e saiu gritando pela rua: "— Matei meu filho, matei meu filho!"

A vizinhança acudiu: ela foi para o hospital e o menino também. Ele ficou bom, nunca mais teve nada, mas ela ficou meio abobada, sempre dizendo que o filho era o porco que tinha matado. Todas as noites ela passava vigiando e alguém, com pena dela, ficava com ela, mas nunca viram nada, nem ela, até que o Sacerdote da Paróquia a convenceu de que Deus estava com ela agora e não o Diabo.

Ela se conformou, mas sofreu e envelheceu muito.

Pedrinho, com dezessete anos, era bom, cuidava da mãe com muito carinho.

40 anos — 3º grau — casada — professora — Rosa Helena dos Santos
(nat. Osório, res. POA, cat., bras., origem: brasileira)

Eu nasci em Osório e lá fui criada, portanto sei alguma coisa sobre lobisomem. Eu era pequena e ouvia os homens do sítio e dos arredores falarem sobre um cão grande, orelhudo, peludo, que aparecia pelos galinhei-

ros, deixando no outro dia um rasto de penas e de patas grandes quando o terreno estava molhado.

Eu me lembro de que uma noite, um dos empregados da casa entrou correndo pela cozinha, falando e gesticulando muito. Estava nervoso. Papai foi até lá, eu fui junto e ele contou que, por perto do estábulo ouvira um grande barulho dos animais agitados e fora até lá ver o que havia. À luz do lampião ele viu uma cousa que o apavorou. Era um homem que não reconheceu à primeira vista: estava deitado no chão e se agitava desesperadamente nas palhas sujas pelos animais. Aos poucos os gemidos foram ficando mais fortes e depois já eram uivos e rosnado.

— "Levantei a luz sem que ele me visse; o homem já não estava ali, mas um cão, peludo na cabeça, que era de cachorrão, e o corpo da metade para baixo era de um homem que estivesse de quatro pés. As mãos eram patas peludas com garras e o traseiro era como o de homem, com pés de homem, mas unhas enormes. Ele não me viu, mas farejou.

Os animais não paravam de se agitar, os bois mugiam e os cavalos pisoteavam, relinchando. Ele farejou novamente e como eu fizesse barulho — eu gelei — ele olhou na direção do barulho e saiu correndo pela porta entreaberta do estábulo, deixando-a bater com o vento forte que havia lá fora.

Só tive coragem de me mexer depois que não ouvi mais nada. Depois fui acalmar os animais e olhei onde ele estava: tudo sujo de "bosta" de gado, roupa de cima e de baixo e toda rasgada. Pelas roupas eu reconheci aquele homem tão triste que caminha mancando e que mora pelos lados da sanga; — "chamam ele de João Sanga, sabe?"

Pois foi isso que eu ouvi.

Eu jamais esqueci o que ouvira e os anos se passaram e parece que ainda ouço o trote daquele homem-cão, vagando e rosnando pela campina.

40 anos — casada — 1º grau incompleto — encadernadora — Wilma Medeiros Martins

(nat. POA, res. POA, cat., bras. — origem: afro-portuguesa)

1º caso: Eu tinha sete anos quando perdi minha mãe e com minha irmã Tereza fui morar com meus tios. Papai era marcineiro, trabalhava muito e não podia nos ter. Meu tio que era mulato não gostava de mim por ser negrinha e jamais me fez um agrado. Gostava de Tereza que era afilhada deles. Na hora da comida me mandava para fora e eu ficava embaixo da casa, esperando até que minha tia chamasse. Eu sentia muito medo.

Um dia uma vizinha falou à titia que nos cuidasse, pois estava aparecendo um boi que ela achava ser Boitatá. Minha tia que era portuguesa, achou que não podia ser, pois este ela sabia ser uma cobra luminosa.

Bem, passou a não nos deixar no pátio até tarde.

Uma noite fomos nos deitar. Dormíamos no quarto dos tios, pois a casa era pequena e eles bem pobres. O tio logo disse que eu levasse o meu colchão para a cozinha e dormisse lá. E lá fui eu, chorando muito.

Eu acho que tinha dormido um pouco; me acordei com o barulho da cachorrada latindo e um ronco muito esquisito e bafento. E eu me lembro tão bem! Levantei devagar, abaixadinha e destapei o buraco da parede de madeira da cozinha. O que vi foi horrível: um boi preto, enorme, reluzente, roncando, abrindo a boca enorme e os olhos reluzentes, saindo chamas; os chifres enormes, o rabo curto, mas o que eu não pude esquecer foi o olhar dele: parecia querer falar comigo ou me hipnotizar. Dei um grito e desmaiei. Quando acordei a vizinhança já tinha acudido. Eu estava na cama da tia e só falava: "Eu vi o boi preto... olhos de fogo. Eu vi, eu vi..." — e chorava e gritava.

Adoeci, a tia, muito boa, mandou chamar o Dr. Darcy Rocha, que me levou para a Santa Casa, onde passei quinze dias, sempre com febre e variando. Ele chamou meus tios e disse que me tratassem melhor, que eu estava muito abalada e que realmente vira alguma cousa sobrenatural. Talvez um lobisomem... o que ele não acreditava muito.

Fiquei boa graças a este bom médico, que me fez um grande tratamento para os nervos, pois eu era carente de afeto.

Fiquei moça e sempre rezo por este médico, pois se não fosse ele, eu teria enlouquecido de medo e talvez morrido.

2º caso: A segunda vez que eu vi o Lobisomem já estava casada, com 22 anos e morava na rua São Manoel. Eu gostava de baile e voltava tarde com meu marido. Uma vizinha já tinha me falado que não fizesse isto, a rua era escura e deserta com terrenos baldios; era perigosa. Ela afirmou que havia um Lobisomem pela redondeza e que ela já o vira. Eu não liguei pois já me havia esquecido daquela vez que o vira, há anos atrás.

Meu pai era marcineiro e fez a nossa casinha, mas faltava pintar. Como papai morava conosco resolveu chamar o Sr. Ludovico, um homem bom, pobre, sem ninguém, que morava na parte de baixo da casa de Dona

Zulmira, a que me avisou do Lobisomem. Ele vivia ali, sempre pálido, curvado, magro; de vez em quando sumia e depois aparecia pela vizinhança, ajudando um e outro. Muitas vezes comia lá em casa.

Eu logo disse para o papai: — "Para quê, seu Valdomiro? Dizem que é Lobisomem!" — "Bobagem, filha, não começa com isso!"

Seu Valdomiro começou a pintar e os dias passaram. Um dia, depois do almoço, ele estava no alto da escada com um pincel e eu cheguei para oferecer-lhe um cafezinho. Quando falei: — "Seu Valdomiro, olha o..." parei, pois ele, todo encolhido, começou a descer com o pincel na mão. — "O senhor está doente?" — Todo curvado ele chegou ao chão. Olhou para mim, abriu a boca com dentes enormes e rosnou; parecia querer falar. E saiu correndo todo curvado.

Eu dei um grito e desmaiei. Quando voltei a mim, perguntaram-me o que acontecera e eu contei.

E o Sr. Valdomiro nunca mais eu vi; sumiu até da casa da Dona Zulmira, onde ele morava.

41 anos — casada — professora normalista — Noeli Oliveira Martins
(nat. POA, resid. POA, cat., bras., origem: brasileira)

Eu tenho um caso para contar, presenciado por minha mãe num lugarejo chamado Macacos, aqui por volta do interior de Itapuã.

Minha mãe chama-se Petronília Oliveira e nesta ocasião era mocinha de seus dezessete anos.

A família dela, juntamente com outras famílias conhecidas tinham vindo de Santa Catarina morar aqui no Sul, mas só duas ficaram, a de mamãe e a de uma amiga dela.

Depois de casada mamãe continuou a morar com os pais. O sítio era bom, a casa também, mas tudo era muito deserto. Poucas famílias moravam ao redor, e como nós éramos católicos freqüentávamos a missa de domingo, mas naquela distância era difícil ir a Belém Novo, na Igreja.

Nesta ocasião nós éramos três irmãos pequenos que brincavam com os da vizinha, que eram pouco mais velhos. Eu tinha sete anos e a menina Carminha tinha nove.

Certo dia, numa sexta-feira, mamãe foi com a vizinha Dona Carmem e o Sr. Vitório fazer compras em Belém, na charrete do casal. Aproveitaram depois para fazer uma visita e quando voltaram já era noite, umas onze horas, noite clara, de luar.

Sr. Vitório parou a charrete e pediu para elas esperarem, pois precisava ir ao mato urinar. Elas viram quando ele entrou no mato e escondeu-se atrás de uma moita. Ficaram comentando sobre as compras, a visita... e nada do Sr. Vitório.

Elas ouviram então um ronco diferente e pensaram ser algum bicho da mata e com o ruído se aproximasse Dona Carmem gritou: "Vitório, vem! por favor!"

Foi então que apareceu do mato um cão grande, preto, de orelhas grandes que batiam e vinha correndo em direção à charrete. Dona Carmem, quando viu que o bicho vinha em sua direção, pegou o chicote para fazer o cavalo andar e foi então que este deu um laçaço no cão, ferindo-o na perna dianteira que sangrou, tirando o couro, que ficou preso no chicote. O cavalo empinou, relinchou e partiu num galope desenfreado e o cão ficou para trás, uivando e ganindo.

Chegaram em casa apavoradas. Dona Carmem pediu que meu pai e vovô procurassem o Sr. Vitório, mas não o encontraram, só as marcas do cavalo, das rodas da charrete e uns pingos de sangue que se perdiam no mato, onde acharam as roupas rasgadas e cheirando à urina.

No outro dia, quando Dona Carmem levantou para o café, Sr. Vitório já estava em pé, e, com surpresa, ela viu que tinha o braço direito com um corte profundo, um lanhaço, deixando sem couro aquela parte. Não disse nada, mas ela e mamãe confirmaram ser ele o cachorrão que as atacou.

Não mais saíram à noite e mamãe não quis mais sair com eles para irmos à missa.

Era Sr. Vitório um Lobisomem; Dona Carmem, em noites de luar, fingia que dormia, mas nunca viu o marido sair mais em noite de lua cheia.

Creio que o sangramento o curou, não sei.

42 anos — solteira — 1º grau — Joana Vieira Lopes
(nat. São Jerônimo, resid. POA, cat., bras., origem: brasileira)

Este moço que meus pais conheceram, foi empregado deles e morava num galpão nos fundos de nosso sítio, lá pelos lados de Cachoeirinha. Naquela ocasião, há quarenta anos atrás, tudo era mato, capões, sítios, muito deserto. Vim nenê para cá.

Meu pai, José Faustino Vieira Lopes e mamãe, Alinda, tinham muitas terras e moravam numa delas, onde fizeram uma casa grande, pois já tinham três crianças nesta ocasião.

O moço Celau, apelido de Wenceslau, era polaco de São Jerônimo e lá já tinha trabalhado com Wadeco Russiscowsky que descobriu que ele era lobisomem, pois viu Celau se transformar em cão no estábulo, espojando-se na urina e estrume dos animais.

Como o Sr. Wadeco conhecia papai, mandou Celau para meu pai, em Cachoeirinha, para trabalhar, pois era bom empregado.

Mamãe tinha medo dele, pois ficava só com as crianças quando papai viajava para ver a criação de porcos nos outros sítios.

Uma noite ela ouviu latidos, rosnados, uma barulhada para o lado do galpão das carcaças, pois tinha havido matança. Ela pegou uma taquara com fogo na ponta e levou como tocha. No galpão deu de cara com um cachorrão peludo, meio marrom, cuja cara não era de cão; parecia gente e parecia Celau. Ele avançou, com os dentes grandes à mostra, a boca sangrando com a carne de porco que tinha abocanhado. Apavorada mamãe investiu com aquela tocha na cara do bicho, que saiu ganindo de dor e a trote.

No outro dia mamãe contou, mas meu pai, homem valente, não acreditou. Mas Celau não toi trabalhar; no outro dia tinha a cara chamuscada e disse que o fogo do chão tinha ficado forte quando ele assoprou e queimou a cara.

Uns meses depois mamãe convidou Celau para jantar e deu-lhe umas roupas. Pela meia noite a cachorrada latiu muito e havia agitação perto do estábulo. Papai pegou a arma e foi com o Foguete, nosso cão. Só viu um cachorrão amarronado,, correndo pelo campo. Na casa do Celau estava tudo quebrado e as roupas que mamãe lhe dera estavam rasgadas e urinadas.

Papai despachou Celau, que voltou para São Jerônimo e se empregou com um polaco muito mau — Casemiro Mechelinski — que sabendo por meu pai que ele era lobisomem, resolveu tirar-lhe o fado.

Ficou de tocaia e atirou de espingarda; o bicho saiu de arrasto e desapareceu. No outro dia Celau Chuscowiski foi encontrado morto, numa poça de sangue, dentro do casebre onde morava. Tinha uma bala na espinha.

45 anos — casada — professora normalista — bibliotecária — Gladys Silveira

(nat. Cruz Alta, resid. POA, cat., bras., — origem: brasileira)

Eu me lembro pouco, tinha uns sete anos; o que realmente me lembro é o rosnado, as marcas no terreno, os cachorros latindo e no outro dia feridos; e quando eu tinha dez anos me lembro que Sr. Paulo foi para o hospital ferido. O resto que eu sei é contado por mamãe.

Ela tinha uma vizinha pobre, com duas filhas. Sr. Paulo (vamos chamá-lo assim) era bom, trabalhava muito, mas de noite sempre saía. Dona Carmem, às vezes, se queixava para minha mãe, quando ia buscar retalhos lá em casa, pois mamãe era costureira.

Um dia Dona Carmem entrou correndo lá em casa, se fechou na sala com minha mãe e chorava muito.

Só depois de moça, quando ela morreu, é que eu soube.

Naquele dia ela descobrira tudo. Já andava desconfiada, pois quando seu Paulo chegava muito tarde da noite, quase de manhã, sempre cheirava mal, sujo, às vezes, rasgado.

Um dia, ao lavar a roupa, ela viu nos bolsos do casaco uns trapos vermelhos estampados e reconheceu neles os retalhos que minha mãe lhe dera.

— "Quando ele saiu à noite, vizinha, eu fui atrás dele, ai que horror! ele tirou a roupa toda, caiu no chão, lá no galinheiro e se rebolcava na sujeira. Sujo e fedendo, rasgou a roupa com os dentes e aqueles "retalhos" que a senhora me deu, parecia que ele queria comer e rosnava e roncava.

E eu escondida, chorando. Depois ele saiu a galope, andando para lá e para cá. Cruzes, Jesus! — Saí correndo e comecei a rezar. Bem que minhas meninas não viram. Então eu esperei clarear e vim aqui contar, vizinha."

Dizia depois que seu Paulo ficara bom, não sei como; mas um dia ele apareceu com um ferimento feio num braço, um talho grande; isto eu me lembro.

Este fato ocorreu aqui no Partenon, há anos atrás.

50 anos – casada – 1º grau – Adelina da Silva Zattar
(nat. Pelotas, resid. POA, cat., bras., origem: bras.)

1º caso: Este caso que eu vou contar foi presenciado por minha mãe Joana Nanini Zattar antes de eu nascer. Ela já tinha outros filhos na ocasião.

Meus pais moravam numa fazendola, muito bonita, um lugar chamado Monte Bonito, por perto de Pedras Brancas. Tinham uma pequena criação de gado, ovelhas, alguns cavalos para o trabalho do campo, que a criançada montava.

O vizinho era Sr. João Figueira, casado com Dona Maria e tinham muitos filhos e filhas. A casa deles era grande e boa e a fazenda era maior que a nossa. O filho mais moço era o sétimo de uma série de seis filhos homens, havendo duas moças, a mais velha de todos e a última, a mais nova.

Joãozinho, como o chamavam, era doente desde criança. E toda a vizinhança sabia que era Lobisomem, nas noites de luar de sexta-feira sobretudo no verão. Aparecia lá pelo galpão agitando o gado, e os cachorros saíam atrás dele numa barulhada terrível. Era certo: no dia seguinte, no mesmo lugar da cerca de arame farpado, havia o sinal da passagem daquele cão grande, cinzento e preto. Não fazia nada de mal, mas se transformava, às vezes, no nosso galpão, onde se guardava os fardos de feno, e meus irmãos já tinham visto ele se transformar.

Um dia o padrinho dele chegou de Rio Grande para ver os compadres e quando soube o que acontecia com Joãozinho desde que fizera sete anos, resolveu aliviá-lo do fado.

Preparou uma boa armadilha no lugar da cerca onde ele passava de modo que se ferisse e ainda preparou a espingarda com bala de prata. Já passava da meia-noite, quando minha mãe ouviu a cachorrada latir e logo depois um tiro ecoou no silêncio da noite. Todos ficaram nervosos e nem as crianças dormiram.

No outro dia, Dona Maria mandou chamar mamãe, pois Joãozinho estava muito ferido numa perna e estava todo esfolado, como se tivesse se arrastado pelo chão.

O rasto de sangue e de pata arrastada estava lá: de nossa cerca até a fazenda de seu Figueira, onde, de manhã cedo, Joãozinho caído foi encontrado pelo peão.

Ele ficou bom, casou-se dois anos depois e o cão nunca mais apareceu.

2º caso: Eu tinha dezesseis anos quando o vi pela primeira vez. Morava na fazenda com meus pais lá em Pedras Brancas; era solteira e gostava muito de festas que eram sempre nas casas das famílias das outras fazendas.

Fui criada sabendo do caso de Joãozinho Figueira, nesta época pai de três lindas crianças.

Seu Pedro e Dona Biluca eram compadres de meus pais, cuja afilhada era sua filha mais velha, Joana, nome de minha mãe.

Seu Pedro era jardineiro, homem grisalho, de barbas quase brancas, andava sempre descalço e tinha umas unhas, tanto dos pés como das mãos, muito feias, grossas, curvas, como garras. Sempre doente e triste.

Uma noite, eu vinha de uma festa da casa de um vizinho, na charrete com minha irmã mais velha, uma vizinha e meus dois irmãos, quando se atravessou na nossa frente um cachorrinho peludo, branquinho. O cavalo se assustou, relinchou, levantou as patas e quase derrubou a charrete. Os rapazes desceram, ajeitaram o cavalo e seguimos.

Adiante vimos o cachorrinho novamente e a cachorrada da nossa fazenda atrás dele. Ele parava, olhava os cachorros e investia. Numa destas abriu a boca e ficamos apavorados: a boca vermelha de dentes grandes, os olhos vermelhos; levantou as patas da frente e apareceram garras grandes e curvas. A cachorrada saiu gritando. Ele uivou e saiu da estrada, entrando no mato de eucaliptos, onde não o vimos mais.

Diziam que era Sr. Pedro que nas noites de sextas-feiras transformava-se naquele cãozinho. Depois que ele morreu soubemos a verdade: a esposa e os filhos, Joana e Inácio, sabiam que ele era Lobisomem.

Faixa etária: 51 anos a 80 anos

53 anos – casado – 1º grau – Marciano Madruga
(nat. Soledade, res. POA, carpinteiro, cat., bras., – origem: brasileira)

Eu tinha uns treze anos e morava aqui, lá pelos lados de Belém Novo. Naquela época tudo era mato por aqueles lados.

Meu tio tinha vindo de fora e deixou o cavalo amarrado numa árvore perto da casa. Foi uma festa a sua chegada, sempre trazia cousas boas e contava casos e estórias.

Já era bem tardinho da noite, depois da comida, quando o tio resolveu guardar o animal. Ouvimos um bater de patas, um relincho diferente, uma agitação qualquer e olhamos pela janela. Era noite de luar e vimos claramente o cavalo todo agitado querendo arrebentar a rédea que o prendia na árvore. Um bicho grande veio do mato e parou ao lado dele; o bicho grande, branco, aparecia bem na noite de luar. Era um enorme carneiro lanudo que comia o feno do cavalo. Ele era diferente, as orelhas grandes que sacudia faziam um plaf, plaf.

Meu pai perguntou: — "De quem é este carneiro? É teu, Felício?" — "Não". Resolveram pegar o lampião e ver de perto. Quando nos aproximamos, eu estava junto, o bicho olhou para a direção que nós vínhamos, abriu a boca para dar um grande balido — e eu me apavorei!

Começou a roncar, uma boca grande de presas enormes, e começou a fugir correndo em direção da mata, trotando como cavalo.

O pai me mandou para casa, pegou o revólver da cinta, e seguiu com o tio Felício. Depois de algum tempo voltaram, cansados, suados; o bichão sumiu lá pelos lados da casa daquele homem que todos diziam ser Lobisomem.

Tio Felício, no outro dia, encontrou a trilha do carneiro e seguiu pelo atalho. Encontrou pedaços de feno, e, na casa do homem, o Caolho, não viu mais ninguém: só roupas sujas, rasgadas e fedorentas; a tarimba onde dormia, toda molhada de urina e tudo quebrado na casa.

Nunca mais se viu o Caolho nem o carneirão. Verdade eu acho que é: o Caolho era aquele carneiro que eu vi no nosso terreno.

53 anos — casado — 1º grau incompleto — jardineiro — Waldemar dos Santos
(nat. São Borja, resid. POA, cat., bras., — origem: brasileira)

Desde menino eu conheci um senhor chamado João Gomes da Silva, que vivia perto de minha casa, lá na Glória. Era casado, tinha quatro filhos; os meninos brincavam comigo e meu irmão mais novo.

Naquela ocasião havia muito mato por lá e nós íamos caçar passarinhos, preá, tomar banho na sanga, comer frutas do mato.

Seu João tinha um alambique, preparava cachaça que engarrafava e vendia no centro para os bares. Era muito boa e apreciada. A plantação de cana era grande e muita cana gostosa chupamos. Tinha moenda e fazia garapa e rapadura que vendia na estrada. Mas seu João, apesar de tomar uns goles, era boa pessoa, amigo da família e bom vizinho.

Diziam que ele era o sétimo filho, mas ele dizia que não, pois antes dele havia uma moça, a Marieta. Diziam que ele era Lobisomem, mas nunca levamos a sério.

Um dia ficamos no mato até tarde, lá pelo morro que hoje tem as antenas de televisão. Quando entramos na estradinha que beirava o mato, a lua já estava clareando a noite. Apressamos o passo; devia ser umas nove horas. Nisto, os quatro ouvimos um barulho no mato; uma touceira se agitou e folhas no chão se mexeram como se alguém estivesse se revirando ali. Atropelamos o passo, saímos correndo. Um rosnado se ouvia e um galopar atrás de nós. Olhamos: era um enorme cão preto, peludo, de orelhas grandes que sacudiam; vinha correndo.

Nisto vimos a casa de Dona Nicota nos eucaliptos. Corremos para lá gritando: — "Abre a porta, por favor! Abre a porta!" — "Dona Nicotaaa!" — berramos os quatro e ela apareceu na janela perguntando: — "Quem é?" Não esperamos mais, empurramos ela e pulamos a janela: meu irmão, Zequinha, eu, Nico e Joãozinho. Fechamos os tampos e ficamos quietos. O bicho chegou, arranhou a janela, uivou; arranhou a porta, volteou a casa.

Dona Nicota disse: — "É o seu Gomes, meninos, ele já vai embora!" E trouxe uma cruz que mostrou para o cão pelo vidro: — "Vai, filho das trevas, Deus está conosco!"

O animal de olhos avermelhados, vidrados, olhou a cruz, mostrou as grandes presas e foi recuando, ganindo, se arrastando. Deu volta e sumiu na estrada, o rabo peludo caído.

Nunca mais chegamos tarde em casa. Ficamos com Dona Nicota e no outro dia, de manhãzinha, voltamos para casa!

55 anos — casada — 1º grau incompleto — Maria Martins
(nat. Carazinho, res. POA, cat., bras., — origem: bras.)

Eu nasci em Carazinho, mas cedo vim para cá; morávamos numa chácara no Partenon: eu, meus irmãos Teca e Darcy, e mamãe.

Um dia, eu e Teca estávamos na janela, quando apareceu nosso vizinho, Sr. Francisco, homem trabalhador, doente, muito pálido, meio aboba-

do para falar e com um defeito nos braços. As mãos e os braços eram assim – virados para dentro.

Teca logo disse: – "Lá vem o lobisomem." Mas, com medo, eu falei: – "Cala a boca, boba, se ele ouve, ele vem de noite."

Seu Francisco era pai do Chico, amigo do mano e de uma menina a Dora, que às vezes, brincava conosco. Seu Francisco chegou perto da janela e pediu uns arames, pois na fábrica de madeira ganhara uns paus para arrumar a cerca, mas precisava de arame. Fui buscar os arames e ele foi embora.

Eu já tinha me esquecido dele e já estávamos todos deitados, menos meu mano que tinha saído. Daí a pouco foi um barulhão: o portão da frente bateu com violência e na porta começaram a empurrar, a soquear e a arranhar. Mamãe só dizia: "Que pena o Darcy não estar, que já ia ver o que é." Teca ficou com medo e eu também. Como a porta era empurrada e arranhada! só não abriu porque tinha tranca.

Eu fui até a cozinha porque ouvi o Tarzan latir e depois ganir, chorando. Olhei por um buraco da madeira e o que vi me apavorou e até hoje eu vejo quando me lembro: um cachorrão preto estava por cima do Tarzan que gania, gania. Era caído para a frente, focinho comprido e batia muito aquelas orelhonas; era preto, peludo, as patas grandes, com cada unha assim. Fiquei apavorada; e ele roncava feio. Eu não via cara dele e nem queria ver, pois era grandão e feio. Eu o via de lado, contra a claridade da noite de luar. Saí dali tapando bem o buraco de madeira e fui para perto de mamãe e Teca. Depois de uns minutos tudo ficou calmo.

Meu irmão chegou e eu contei tudo. No outro dia vimos o portão atirado no chão, quebrado, a porta da frente toda lanhada de unhas, saindo até felpas da madeira. Em volta da casa havia poucos sinais de patas e perto da cozinha havia mais marcas, onde eu vi o nosso cachorro deitado debaixo do monstro.

Eu jurei não olhar mais pelo buraco da parede da cozinha, o que era meu costume. E eu disse: – "Viu, Teca, falaste que era Seu Francisco o lobisomem, ele ouviu e veio."

Juramos não falar mais nisso. Toda vez que eu via Seu Francisco eu me lembrava; também ele era tão esquisito, muito doente, amarelo, coitado. Nós nem quisemos mais saber de brincar com os filhos dele.

Todo o mundo da vizinhança, já há muito tempo, dizia que ele era Lobisomem nas sextas-feiras de luar.

60 anos – casada – 3º grau – professora – Ezilda Lisboa da Silva
(nat. Pelotas, resid. POA, cat., bras., origem: portuguesa)

Uma família pobre morava em Pelotas no bairro do Fragata, nos fundos da casa de um farmacêutico que era meu pai: Emílio dos Santos Lisboa. As peças que a família habitava ficavam no fundo do nosso terreno e à beira de um arroio – Santa Bárbara – muito mal cheiroso, pois suas águas só se movimentavam em época de muita chuva.

A família era composta de: pai, mãe, uma filha de dois anos e um menino de 9 anos, chamado João Carlos. Ele tinha sonhos muito estranhos. Em alguns períodos acordava de madrugada, dizendo que um cachorro batera na janela e o chamava. Nestas ocasiões João Carlos levantava da cama transfigurado, transpirando muito, com olhos arregalados e brilhantes e saía correndo para o campo, soltando uivos e latidos. Corria em círculos, saltando e, de vez em quando, escarvando o solo. Ao chegar à beira do arroio entrava, quase atolando-se no lodo, debatia-se muito, dando gritos horríveis. Por fim, ia, aos poucos, acalmando-se e voltava para casa, como se nada tivesse acontecido.

Os pais faziam todo tipo de tratamento médico; depois passaram para o Espiritismo, para a Umbanda, e vieram completar o tratamento em Porto Alegre e depois em São Paulo.

Aqui em Porto Alegre, moravam num lugar na Glória, perto do arroio que sai na Cascatinha, e o mesmo fenômeno acontecia com o João Carlos, conforme acontecia antes. E assim se passaram mais dois anos quando, então, foram para São Paulo.

Atualmente João Carlos está trabalhando em São Paulo, em televisão. Não tenho conhecimento de seu estado de saúde.

69 anos – casado – 1º grau – alfaiate – Elohim Martins
(nat. São Gabriel, res. POA, cat., bras., origem: paraguaia e alemã)

1º caso: Meu pai tinha uns doze anos nesta ocasião, quando vovó foi visitar seus compadres Dona Benta e Sr. João Moreira, pois um dos filhos do casal era seu afilhado. Papai, depois de brincar com os meninos Bento e Pedro, resolveu sentar-se para ouvir uma estória.

Pediu que contasse uma estória de Lobisomem. Minha avó disse que estavam conversando. Papai insistiu e dona Benta procurou desviar o assunto e seu João falou: – "Que bobagem, menino, Lobisomem não existe!"

Depois de algum tempo despediram-se e saíram. Quando vovó chegou em casa disse: — "Elohim, isto não se faz, é feio insistir e ainda mais que o Sr. João é lobisomem."

Papai ficou muito admirado, mas esqueceu o caso. Ah! nesta época eles já estavam aqui em Porto Alegre, na Boa Vista. Quando já era pela meia-noite vovó ouviu barulho na frente da casa e viu um porco no jardim. Chamou o filho e disse: — "Vai enxotar aquele porco que vai estragar minhas plantas." A irmã, que já era mocinha, falou que ele era menino ainda e tinha medo. E se esqueceram do porco.

Quando se deitaram, ouviram um ronco, um barulho estranho na parede do quarto do meu pai, como se raspassem, arranhassem, logo abaixo da janela. Minha tia e papai foram olhar pela outra janela: era um grande porco amarelado, sobre as patas traseiras, arranhando com as dianteiras. O focinho achatado era bem curto, mas o que chamava a atenção eram os olhos brilhantes, avermelhados: pareciam de fogo. Depois de alguns minutos o bicho se afastou e viram que era mais alto atrás; saiu trotando e roncando, não era grunhido, não.

Era o Sr. João Bento, que tinha vindo assustar meu pai, pois ele se transformava em porco nas terças-feiras de luar e até os filhos já sabiam, pois já tinham visto o pai se transformar, espojando-se no lugar quente em que os bois, as vacas e os cavalos deitavam.

2º caso: Há pouco tempo meu pai me contou que, como estivesse muito quente, resolveu tomar ar fresco na frente da casa, em Petrópolis, pois era verão. Nem chegou a ir até o portão do jardim que estava aberto, pois na frente, na calçada, estava um enorme cão peludo, de grandes orelhas. Virou-se para meu pai e ele viu, no clarão da lua, aqueles olhos brilhantes, avermelhados, que pareciam hipnotizar.

Ele ficou paralizado de medo e não sabia se voltava para casa ou ia até o portão fechá-lo. Foi o cão que se levantou e saiu a passo e meu pai viu perfeitamente que ele era desengonçado, caído para a frente. Ele correu a fechar o portão e viu que uns cachorros começaram a latir, acossando aquele enorme cachorrão. Este se sentou, levantou as patas da frente para os outros cachorros, que se acalmaram e se afastaram rastejando e ganindo. E o cachorrão "ruço" foi descendo a rua e sumiu.

75 anos — casada — 1º grau incompleto — costureira — Vicentina Campos
(nat. Viamão, res. POA, cat., bras., origem: afro-brasileira)

Eu me chamo Vicentina e morava lá pelo Partenon. Já vão mais de quarenta anos, moça. Nós éramos oito irmãos e eu a mais velha.

Minha mãe lavava roupa numa sanga, meio longe da nossa casinha de madeira. Eu tinha uns doze anos e minha mãe dizia que eu era mocinha e tinha de cuidar dos outros.

Um dia mamãe foi lavar, não voltava. Papai já estava aflito e nós também. Começou a escurecer e lá tinha muito mato; papai foi lá buscar mamãe, e nós ficamos aflitos, eu, meu irmão de quatorze anos e a mana de dez.

A lua estava bonita, tudo claro. Depois de uma meia hora papai chegou com mamãe nos braços: estava desmaiada. Depois que ela acordou, contou para nós que tinha visto um homem ir para uns matos. Ela ficou com medo e recolheu tudo para voltar. Quando estava agachada, arrumando tudo, ouviu um rosnado feio e a moita se mexer muito. Olhou e gelou: de lá saiu um enorme porco amarelado, com olhos de fogo e que veio em direção dela. Ela parou de respirar; ele grunhiu, e passou por ela com as presas de fora.

Depois que ela se acalmou ficamos parados, com medo. Papai não se convenceu e disse que ia esclarecer no outro dia.

Daí ouvimos um barulhão lá fora e papai e eu olhamos pela janela. Era um porcão, como mamãe dizia, igualzinho. Mamãe saiu da janela, eu e o papai ficamos. O porco esbarrou na cerca, caiu e começou a estrebuchar e a grunhir e depois foi virando, virando homem. Se levantou todo arreado e estava nu e foi saindo pelo portão da cerca para a rua.

No outro dia papai foi até a moita e viu umas roupas de homem, do tal que a mãe tinha visto. Eram de um moço doente, que morava num barracão perto da sanga. Não sei quem era, a mãe nunca disse.

78 anos — casada — professora normalista — Júlia Matzemback Mensck
(nat. Novo Hamburgo, res. POA, cat., bras. — origem: alemã)

Eu vivi em Novo Hamburgo por algum tempo. Meus pais eram plantadores e tinham gado e outros animais: galinhas, patos, etc. Vendíamos e

ganhávamos a vida. Éramos quatro irmãos. Hoje vivo com um deles, mas paro muito na casa da filha mais velha.

Estudei lá, mas me formei aqui na Escola Normal Gen. Flores da Cunha. Meus pais venderam a fazendinha e vieram para mais perto, para os filhos estudarem. Mas compraram uma linda chácara pela Pedra Redonda e uma boa casa.

Eu parava na casa do mano mais velho que estava casado, mas sempre ia passar o fim de semana com eles, uma vez por mês. Eu gostava de ver o gado e tinha saudades da fazendinha de Novo Hamburgo e sempre que estava na chácara ia recolher o gado, o que sempre fazia em menina.

Vi um terneiro tão lindo, preto, pastando, afastado dos outros animais e caminhando fui até ele. Olhei, que pêlo lindo! alto, macio. Passei a mão, mas era duro, áspero. Admirada olhei o animal que pastava como se nada estivesse perto dele. Ele levantou a grande cabeça crespa e eu vi uns olhos terríveis, vermelhos, faiscantes. Pareciam querer me hipnotizar. Olhei as patas; eram diferentes: três unhas; estranhei e fiquei parada de tanto medo. Ele mugiu diferente, parecia querer falar, depois roncou feio e avançou para mim.

Saí correndo e vi que aquilo era "outra cousa"; logo lembrei o que mamãe dizia de Lobisomem. Corajosamente parei e mostrei as mãos sobrepostas em cruz, rezando: "Cruz de Cristo, salvai-me!"

O animal parou, recuou, baixou a cabeça e recuou mais, tomando outra direção num trote largo, num galopar sem parar, sumindo lá no capão.

Eu caí de joelhos e agradeci a Deus. Consegui forças para chegar em casa, onde contei a todos. Então eles disseram que já falavam desse novilho que, de vez em quando, aparecia e que já sabiam ser o filho mais novo do fazendeiro nosso vizinho.

UNIVERSITY OF ILLINOIS-URBANA
3 0112 041663870

LOBISOMEM

Não há, realmente, quem nele não tenha ouvido falar, desde os grandes centros urbanos aos mais longínquos e menos civilizados rincões. Crianças e homens simples dos campos, nas estórias que a vovó contava ou na prosa dos galpões, em sua fértil e rústica imaginação, sentiram-se atraídos pelo fabuloso animal, num misto de espanto, respeito e temor.

MARTINS LIVREIRO
-EDITOR-